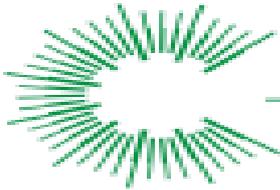




**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS MINISTRO PETRÔNIO PORTELLA**



Universidade Federal do Piauí
Educação Ciência Arte Inclusão Social

**PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DO CURSO DE
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA E CONSERVAÇÃO DE ARTE
RUPESTRE**

Teresina-2011

Presidente da República Federativa do Brasil

Dilma Rousseff

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretário da Educação Superior (SESu)

Luiz Cláudio Costa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

REITOR: Prof. Dr. Luiz de Sousa Santos Júnior

VICE-REITOR: Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Dr. Saulo Cunha de Serpa Brandão

PRÓ-REITOR DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Prof^a. Dr^a. Regina Ferraz Mendes

COORDENAÇÃO DE CURRÍCULO

Prof^a. Dr^a. Antonia Dalva França Carvalho

CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

DIRETOR: Prof. Dr. Helder Nunes da Cunha

BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA E CONSERVAÇÃO DE ARTE RUPESTRE

Coordenadora: Prof^a. Dr^a. Andréa Lourdes Monteiro Scabello

Sub-Coordenador: Prof. M. Sc. Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva

COMISSÃO DE REVISÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (2010/2011)

Prof^a. Dr^a. Maria Conceição Soares Meneses Lage

Prof^a. Dr^a. Andréa Lourdes Monteiro Scabello

Prof. M. Sc. Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da Silva

Assistente em Administração: Elvina Maria de S. Barbosa

Campus Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga
CEP: 64049-550, Teresina, PI

Telefones:

Reitoria (Secretaria): (086)- 3215-5511

Coordenação de Curso: (086)-3237-2014

e-mails: arqueologia@ufpi.edu.br

diretoria.avaliacao@ufpi.edu.br

proplan@ufpi.br

adm.sup@ufpi.edu.br

**RELAÇÃO DOS MEMBROS DA COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO PROJETO DE
IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE ARQUEOLOGIA E CONSERVAÇÃO ARTE
RUPESTRE (2006)**

Presidente :

Prof.^ª Dr.^ª Maria Conceição Soares Meneses Lage - Centro de Ciências da Natureza – CCN

Membros:

Prof. Dr. Fabiano de Sousa Gontijo - Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL

Prof. Dr. José de Ribamar de Sousa Rocha - Centro de Ciências da Natureza – CCN

Prof.^ª Dr.^ª Maria do Socorro Leal Lopes Pessoa - Centro de Ciências da Educação - CCE

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco - Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL

Prof. ^ª M.Sc. Sônia Maria Campelo Magalhães - Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL

Colaboradores:

Prof.^ª Dr.^ª Claudete Maria Miranda Dias - Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL

Prof.^ª Dr.^ª Maria Lúcia Medeiros de Noronha - Centro de Ciências da Educação – CCE

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

DENOMINAÇÃO DO CURSO

Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre

MODALIDADE

Bacharelado

ÁREA DE FORMAÇÃO

Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre

INTEGRALIZAÇÃO

Mínimo: 04 anos

Máxima: 06 anos

CARGA HORÁRIA TOTAL

O curso terá um total de 2700 horas, assim distribuídas:

TOTAL DE CARGA HORÁRIA DE DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	2130h
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	210h
DISCIPLINAS S	OPTATIVA 240h
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	120h
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO	2700h

NÚMERO MÁXIMO DE CÉDITOS POR BLOCO

30 créditos

FORMA DE ACESSO

Exame Nacional do Ensino Médio (novo ENEM), através do Sistema de Seleção Unificada – SISU do Ministério da Educação – MEC.

TÍTULO ACADÊMICO

Arqueólogo e Conservador de Arte Rupestre

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
JUSTIFICATIVA	13
OBJETIVO	15
ACESSO AO CURSO	16
PERFIL DO EGRESSO E MERCADO DE TRABALHO	17
a) Competências e habilidades	17
b) Atitudes	18
POLÍTICA DE ATENDIMENTO A PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS	20
PRINCÍPIOS CURRICULARES	21
MATRIZ CURRICULAR	22
EQUIVALÊNCIA CURRICULAR	23
DISCIPLINAS POR BLOCO	24
FLUXOGRAMA DO CURSO	27
CATEGORIAS DAS DISCIPLINAS	28
ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS (AACC)	29
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	31
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	33
QUADRO DE DISCIPLINAS	34
EMENTÁRIO	36
PROCESSO DE AVALIAÇÃO DOS ALUNOS	88
PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO CURSO	89
AUTO-AVALIAÇÃO	90
COORDENAÇÃO DO CURSO	91
ORIENTAÇÃO ACADÊMICA	93
ESTRUTURA PARA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	94
• Recursos humanos - docentes	94
• Recursos humanos - técnicos	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

ANEXO 1 - REGULAMENTO PARA EXECUÇÃO DO TRABALHO MONOGRÁFICO
DE CONCLUSÃO DE CURSO

APRESENTAÇÃO

Pesquisas empreendidas desde os anos 1970 na porção sudeste do Piauí, pela Missão Franco-Brasileira, em parceria com a Universidade Federal do Piauí – UFPI revelaram a grande riqueza, variedade e antiguidade da ocupação humana neste território.

A partir de 1986 o Núcleo de Antropologia Pré-Histórica (NAP) da UFPI vem realizando o levantamento dos sítios arqueológicos do Estado, inicialmente com a colaboração da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e, em seguida, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão do Ministério da Cultura. Mais de 1400 sítios arqueológicos foram registrados em cerca de 60 municípios, de um extremo a outro.

O Piauí é o único estado brasileiro a possuir quatro parques nacionais, além de ser detentor de uma diversidade ambiental extraordinária, com diferentes ecossistemas, que incluem zonas de caatinga, cerrado, vegetação litorânea, zonas de cocais e de características pré-amazônicas. Mesmo as porções com bioma de caatinga demonstram a grandeza da capacidade de adaptação e resistência da vegetação e da fauna. Essa diversidade é observada igualmente na geologia local, pois se insere em duas grandes formações: a bacia sedimentar do Parnaíba e a Depressão Periférica do São Francisco.

Do ponto de vista paleontológico destaca-se, na capital, a existência de uma floresta fóssil de 270 milhões de anos, cuja importância é devida ao fato dos troncos vegetais se encontrarem em posição de vida, ou seja, na vertical, garantindo assim a certeza de sua localização original. Outros importantes achados paleontológicos foram verificados nas regiões da Serra da Capivara e Chapada do Araripe, na divisa dos estados do Piauí, Ceará e Pernambuco. Embora já existam várias pesquisas voltadas para os aspectos ambientais e culturais, ainda é escasso o conhecimento produzido sobre o Estado, em termos da relação que se estabelece entre esses aspectos.

Diante desse quadro, e visto que a Universidade Federal do Piauí não possui ainda, em sua estrutura, um curso voltado para a formação de profissionais que possam atuar nessa área, estudando sítios arqueológicos, paleontológicos e os paleoambientes, com o fim de recontar a história dos homens que habitavam o Piauí antes da chegada do português e entender os contextos ambientais pretéritos, é imprescindível a criação de um bacharelado

em arqueologia e conservação de arte rupestre, que envolva também conhecimentos sobre paleontologia e ecologia, a fim de prover essa necessidade.

Deve-se ressaltar que atualmente existem duas graduações¹ em arqueologia no Brasil, uma criada pela recém instituída UNIVASF - Universidade do Vale do São Francisco e a outra pela Universidade Católica de Goiás. Porém, em razão do acelerado processo de degradação ambiental e da grande quantidade de sítios arqueológicos ameaçados, apenas esses cursos são insuficientes para suprir a formação de profissionais especializados, sobretudo pela demanda crescente do turismo cultural, que requer a conservação e preparação de sítios antes de serem disponibilizados para visitação pública.

O curso ora proposto deverá ser inclusive mais abrangente, em virtude de compreender áreas das ciências naturais e humanas, permitindo ao estudante uma formação diversificada, o que poderá atrair um público maior, proveniente de outras regiões do país, que também apresentem significativo potencial arqueológico.

A parte teórica do curso será ministrada em Teresina, no Campus Ministro Petrônio Portella, e a prática de campo nos parques nacionais do Estado (Serra da Capivara, Sete Cidades, Serra das Confusões e das Nascentes)².

O projeto contemplará inicialmente a habilitação em arqueologia, por considerar-se prioritário e urgente empreender ações de conhecimento e conservação do patrimônio arqueológico pré-histórico. Daí a necessidade de formar tais especialistas no país.

Assim, esse documento apresenta o Projeto Político Pedagógico do curso de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre na Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portella, cuja fundamentação segue as diretrizes e linhas de ação da política de formação dos profissionais da arqueologia e conservação do patrimônio arqueológico, estabelecidas pelos órgãos e conselhos que se ocupam desse patrimônio, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA).

¹ Este dado refere-se ao ano de 2006, atualmente o número de graduações em arqueologia corresponde a doze.

² A prática de campo, concernente às atividades de estágio supervisionado, poderá ocorrer nas dependências da Universidade Federal do Piauí ou em empresas conveniadas, sejam essas públicas ou privadas.

A proposta ora apresentada busca, então, superar as limitações referentes à escassez de profissionais qualificados e propõe a formação de um arqueólogo apto a lidar com a pesquisa, o estudo e a conservação do patrimônio arqueológico pré-histórico no contexto nacional. Assim, a proposição apresenta inovações em relação à formação profissional desta área, uma vez que engloba conteúdos de áreas afins, notadamente das ciências naturais, além das humanas, em consonância com o caráter interdisciplinar da arqueologia.

O currículo proposto para o curso elege como áreas de formação a **pesquisa arqueológica e a conservação de sítios de arte rupestre**, o que garantirá uma formação ampla e ao mesmo tempo sólida, capacitando o Profissional Arqueólogo formado na UFPI a atuar como pesquisador e conservador, ou em áreas relacionadas a este ramo, em instituições de pesquisa, de conservação do patrimônio e no ensino superior. Essa formação fundamenta-se nas seguintes orientações gerais:

- Período de funcionamento: diurno;
- Integralização: de quatro anos (mínimo) a seis anos (máximo);
- Definição de princípios norteadores do currículo, sobre os quais estão fundamentadas todas as disciplinas do Curso;
- Instituição da estrutura curricular por bloco acadêmico, levando o aluno a matricular-se em todas as disciplinas do bloco curricular e assim propiciar condições concretas para a integralização do Curso;
- Equilíbrio de carga horária das disciplinas curriculares predominando aquelas de 60 horas, com exceção do estágio supervisionado, que terá duração de 210 horas;
- Definição de uma bibliografia básica e complementar, que expressa as obras a serem estudadas ao longo do curso, representando a literatura teórico-metodológica essencial para uma formação profissional de qualidade;
- Elaboração de Monografia como exigência para a conclusão do curso, visando consolidar os estudos teóricos e investigativos realizados no decorrer do processo de formação, bem como estimular o aluno a prosseguir os estudos em nível de pós-graduação;
- Inserção do aluno no contexto da pesquisa arqueológica, onde atuará, desde o início do curso, e durante toda a formação acadêmica, concretizando, dessa forma, a relação teoria – prática.

Assim, o profissional formado pelo curso de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre da UFPI estará capacitado para lidar com os desafios da pesquisa arqueológica e da conservação do patrimônio pré-histórico representado, sobretudo pelos sítios portadores de arte rupestre.

Comissão de Criação do Curso

Atualizado pela Comissão de Revisão do Projeto Político Pedagógico.

JUSTIFICATIVA

As primeiras pesquisas arqueológicas realizadas no Piauí datam de 1970, quando a Missão Franco-Brasileira, chefiada pela Doutora Niède Guidon, intensificou as pesquisas na região Sudeste, tendo como parceira a Universidade Federal do Piauí. Desde então o Estado passou a ser conhecido como uma das regiões de ocupação humana mais antigas já identificadas no continente americano.

Novas e numerosas informações foram sendo obtidas ao longo dos anos subsequentes, de tal forma que se têm hoje, nesse Estado, uma das maiores concentrações de sítios arqueológicos já cadastrados no Brasil.

O resultado das pesquisas em alguns destes sítios permitiu também obter-se um conhecimento mais detalhado da paleofauna e de paleoambientes, através da identificação de plantas e animais típicos de zonas de clima mais ameno. Dentre os animais destacam-se o mastodonte, a preguiça e o tatu gigante, a lhama fóssil, o urso e o tigre dente-de-sabre.

Tendo em vista a imensa riqueza de material disponível para estudos, não só no Estado do Piauí, mas também nos do Maranhão e Ceará; a escassez de profissionais na área de arqueologia, e a grande demanda de cursos formativos em arqueologia (identificada, sobretudo durante a realização do I Curso de Especialização Profissionalizante em Conservação de Arte Rupestre, oferecido pelo NAP-UFPI em 2001/2002, reconhecido pela UNESCO), idealizou-se a criação de um curso com abrangência interdisciplinar, que permitisse a formação de profissionais qualificados para estudar e preservar o rico patrimônio ambiental e cultural do país.

Pelo fato de ser impossível dissociar o homem do meio ambiente, propõe-se um curso de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre, com discussões em ciências naturais, estabelecendo uma política de preservação do imenso patrimônio cultural e natural de que é detentor o Estado do Piauí e estados vizinhos, e, ao mesmo tempo, da possibilidade de se estudar o maior número de sítios possível, no intuito de obter mais informações sobre as culturas existentes no Piauí antes da chegada do europeu colonizador.

Como justificativa final, faz-se necessário enfatizar que ao longo dos anos as experiências obtidas no Núcleo de Antropologia Pré-histórica – NAP, da Universidade Federal do Piauí tornaram clara a necessidade de viabilizar a formação de profissionais

qualificados para estudar e compreender as relações homem-meio, e dessa forma poderem auxiliar na preservação ambiental e cultural.

A criação do Curso de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre da UFPI se coloca, pois, como uma necessidade urgente, levando-se em consideração as reivindicações de professores, de alunos e da comunidade em geral, que, ao longo dos anos, vêm apontando frequentemente a falta de um curso dessa natureza, em virtude da grande riqueza arqueológica do Estado. Com sua implantação vislumbra-se a abertura de novas fontes de trabalho, não só na área da conservação, mas também na de turismo.

OBJETIVO

Formar um profissional reflexivo em arqueologia e conservação de sítios de arte rupestre, portador de conhecimentos interdisciplinares, que contemplem conteúdos, teóricos e práticos, dos diversos campos das Ciências Exatas, da Terra e Humanas, devendo conferir-lhe uma preparação adequada para o bom desempenho em todas as áreas da pesquisa arqueológica, sobretudo na da conservação dos sítios de arte rupestre.

ACESSO AO CURSO

O acesso ao curso é efetuado através de processo seletivo, tradicionalmente conhecido por vestibular, que é realizado na forma de um Programa Seriado de Ingresso na Universidade (PSIU), após abertura de Edital específico, para candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente, em consonância com o Regimento Geral da UFPI.

A partir de 2009 a UFPI aderiu ao Exame Nacional do Ensino Médio (novo ENEM), através do Sistema de Seleção Unificada – SISU do Ministério da Educação, sendo que cada uma dessas modalidades de acesso (PSIU ou ENEM) passou a deter 50% do total de vagas oferecidas para o Curso.

O acesso poderá ter formato modificado, em função das políticas afirmativas educacionais aprovadas pelo Ministério da Educação, porém obedecerá a critérios previamente explicitados em Edital específico lançado pela UFPI, para candidatos que tenham concluído a educação básica.

Há apenas um período de ingresso ao curso, sendo este no primeiro semestre letivo do ano. Neste momento, ingressam no curso de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre 40 alunos novos.

PERFIL DO EGRESSO E MERCADO DE TRABALHO

O curso de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre visa a formação de um profissional reflexivo, portador de conhecimentos interdisciplinares oriundo dos diversos campos das Ciências da Terra e das Ciências Humanas, de naturezas teórica e prática, elegendo como áreas de atuação a pesquisa e gestão de bens arqueológicos e a conservação de arte rupestre.

Os princípios curriculares, a estrutura pedagógica e metodologia de ensino garantirão uma formação ampla e ao mesmo tempo sólida capacitando o futuro profissional a atuar no mercado de trabalho, como pesquisador, docente de ensino superior e conservador de arte rupestre, em diversas instituições públicas ou privadas, desenvolvendo também atividades relacionadas à consultoria e licenciamento ambiental e de educação patrimonial.

Essa formação fundamenta-se no desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes imprescindíveis ao exercício da referida atividade profissional, a saber:

a) Competências e habilidades

- Conhecer as abordagens arqueológicas vinculando-as aos demais campos do conhecimento visando uma análise integrada e contextualizada do saber acadêmico;
- Compreender e avaliar criticamente os aspectos sociais, tecnológicos, ambientais, políticos e éticos relacionados à aplicação dos princípios da arqueologia e da conservação de sítios de arte rupestre em benefício da sociedade;
- Aplicar conhecimentos básicos de informática no estudo e na pesquisa arqueológica;
- Conhecer avanços científicos em arqueologia e conservação de sítios de arte rupestre e sua importância para o desenvolvimento regional;
- Propor e elaborar projetos de pesquisa e executivos no âmbito da arqueologia;

- Comunicar-se de forma eficaz, tanto nos trabalhos escritos como nas apresentações orais;
- Desenvolver habilidades cognitivas e metodológicas que lhe permitam ação efetiva, tanto nas pesquisas de campo quanto nas de laboratório. Essas habilidades incluem: a procura, localização e registro documental dos sítios; sondagens e escavações arqueológicas; documentação da arte rupestre e dos problemas de conservação; domínio de técnicas de amostragem para subsidiar diagnósticos de conservação, organização e análise do material evidenciado e coletado; elaboração de sínteses, relatórios e textos para divulgação científica, além de procedimentos voltados para o tombamento e conservação dos vestígios arqueológicos;
- Conscientizar-se do valor dos dados e da obrigatoriedade de publicação dos resultados das pesquisas.

b)Atitudes

- Ter compromisso em todas as atividades formativas preocupando-se com a qualidade nos resultados;
- Ter atitude crítica em relação aos conteúdos conceituais e procedimentais apreendidos, analisando-os acuradamente a fim de aplicá-los com eficácia;
- Refletir de forma crítica a sua prática de pesquisa e atuação nos diferentes setores da arqueologia;
- Aprender a aprender, desenvolvendo hábitos de estudo que auxiliem nas atividades de pesquisa e docência.
- Ser criativo e ter raciocínio lógico;
- Participar das atividades curriculares e extracurriculares percebendo-as como importantes no processo de formação profissional;
- Atuar na área de arqueometria aplicada à conservação;
- Saber trabalhar em equipe e perceber a importância da educação solidária, em contraponto com a educação solitária;

- Respeitar a liberdade de expressão e a diversidade cultural existente na sociedade em que vivemos;
- Trabalhar de maneira integrada e contributiva em equipes multidisciplinares.

O Processo de Ensino-Aprendizagem

É o processo através do qual o aluno apreende as competências necessárias para exercer o ofício de Arqueólogo. Caracteriza-se como uma seqüência ordenada; períodos de atividades com certo sentido, segmentos em que se pode notar uma trama hierárquica de atividades incluídas umas nas outras, que servem para dar sentido unitário à ação de ensinar. Este processo envolve relações entre pessoas e está imbuído de várias sutilezas que o caracterizam. O exemplo, negociação, controle, persuasão, sedução. Por outro lado, em razão de seu caráter interativo, evoca atividades como: instruir, supervisionar, servir e colaborar. Também requer intervenções que, mediadas pela linguagem, manifestam a afetividade, a subjetividade e as intenções dos agentes. Nestas interações, o ensino e a aprendizagem são adaptações, (re) significados por seus atores e pelo contexto.

O papel do aluno

Pela forma como o currículo se organiza o aluno do curso de Arqueologia é um dos sujeitos do processo de ensinar e aprender. Neste processo de construção de conhecimento ele deve assumir uma postura de curiosidade epistemológica, marcada pelo interessar-se por novas aprendizagens e desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo, atitudes de ética e de humanização, responsabilidade e espírito crítico-reflexivo.

O papel do professor

A natureza epistemológica do papel do professor está condicionada a uma inteligibilidade ou a um saber-fazer (por isso também é intelectual e artista) que fomenta saberes que vão além de saberes éticos, morais e técnico-científicos. Requer saberes interpessoais, pessoais e comunicacionais, para que a relação estabelecida entre alunos e professores possa favorecer o processo de ensino e de aprendizagem.

No curso de Arqueologia estes saberes assumem importância uma vez que os professores, agindo como mediadores do conhecimento podem desempenhar papéis de orientadores. Os orientadores são professores vinculados ao Curso de Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, todos com formação profissional na área.

POLÍTICA DE ATENDIMENTO A PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI 2010-2014 a UFPI está desenvolvendo ações para instituir adequadamente a sua política de acessibilidade, voltada para atendimento prioritário às pessoas portadoras de necessidade especiais (PNEs), de acordo com o que preconiza a legislação vigente.

Em observância ao Decreto 5296/2004, de 02/12/2004, a UFPI e todas as suas Unidades Acadêmicas, estão executando o plano de promoção de acessibilidade em suas múltiplas dimensões, obedecendo às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, quanto ao contexto arquitetônico e urbanístico.

Essa política baseia-se na observância do tipo de deficiência, de acordo com os parágrafos primeiro, segundo e terceiro do Artigo 4º do Decreto acima citado, de forma a possibilitar atendimento prioritário, imediato e diferenciado para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, serviços de transporte, dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, incluindo os serviços de tradução e interpretação da Linguagem Brasileira de Sinais – LIBRAS em consonância com a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

A ampliação dessas ações para atendimento a outras formas de deficiência, também estão previstas e vêm sendo trabalhadas no âmbito da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC), uma vez que a UFPI instituiu uma modalidade de bolsa, denominada “Inclusão Especial”, no contexto do programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), que objetiva contribuir para o acesso, manutenção e aprendizagem do aluno PNEs, integrando-o adequadamente ao ambiente acadêmico. Essa bolsa, além de beneficiar aos PNEs, contribui para a inclusão e permanência de estudantes de várias áreas, que estejam enquadrados em situação de vulnerabilidade econômica, os quais são treinados para colaborarem com a inclusão dos PNEs.

Até o final de 2014 a política de acessibilidade, nos seus múltiplos acessos, deverá estar efetivamente implantada, segundo o PDI 2010-2014.

PRINCÍPIOS CURRICULARES

O currículo de um curso representa o conjunto de atividades, de experiências, de situações de ensino-aprendizagem, vivenciadas pelo aluno durante a sua formação. É o currículo que assegura a formação para uma competente atuação profissional, assim as atividades desenvolvidas devem articular harmoniosamente as dimensões: humana, técnica, político-social e ética.

Nesta perspectiva, no decorrer do curso de Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre devem ser considerados os seguintes princípios:

- **Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão** – este princípio demonstra que o ensino superior deve ser compreendido como o espaço de produção do saber, por meio da centralidade da investigação como processo de formação para que se possam compreender fenômenos, relações e movimentos de diferentes realidades.
- **Formação profissional para a cidadania** – a UFPI tem o compromisso de desenvolver o espírito crítico e a autonomia intelectual, para que o profissional por meio do questionamento permanente dos fatos possa contribuir para o atendimento das necessidades sociais.
- **Interdisciplinaridade** – este princípio demonstra que a integração disciplinar possibilita análise dos objetos de estudo sob diversos olhares, constituindo-se questionamentos permanentes que permitam a (re)criação do conhecimento.
- **Relação orgânica entre teoria e prática** – todo o conteúdo curricular do curso de Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre deve fundamentar-se na articulação teórica-prática, que representa a etapa essencial do processo de ensino-aprendizagem. Adotando este princípio, a prática estará presente em todas as disciplinas do curso, permitindo o desenvolvimento de habilidades para lidar com o conhecimento de maneira crítica e criativa.

MATRIZ CURRICULAR

O presente Projeto Político Pedagógico do curso de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre objetiva atender aos anseios da comunidade, no que tange à formação de profissionais em uma área com imenso potencial de expansão, porém carente de especialistas.

A proposta ora apresentada foi discutida com profissionais que trabalham em arqueologia e ciências afins, provenientes de vários departamentos e núcleos de pesquisa da UFPI (História, Geografia, Ciências Sociais, Biologia, Química, Física, Núcleo de Referência em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste - TROPEN e Núcleo de Antropologia Pré-histórica – NAP), de ONGs e instituições de preservação do patrimônio (FUMDHAM, IPHAN, Instituto Chico Mendes para a biodiversidade – ICMBio e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA).

A criação do curso de graduação em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre visa, prioritariamente, formar profissionais em Arqueologia. No entanto a sua criação auxiliará também no estabelecimento de políticas de estudo, preservação e conservação dos sítios de arte rupestre. Com isso será possível obter maior número de informações sobre as culturas pré-históricas de diferentes áreas e promover a salvaguarda desse patrimônio.

A formação de um profissional em arqueologia requer grande capacidade de reflexão e de tomar decisões adequadas em situações que envolvam a sua área específica de conhecimento e o contexto sócio-cultural.

EQUIVALÊNCIA CURRICULAR

A tabela a seguir apresenta a equivalência entre as disciplinas do Currículo I e as disciplinas da integralização aqui proposta pelo Currículo II do Curso de Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre.

Aos alunos que ingressaram no curso antes das mudanças aqui definidas e que ainda estiverem em processo de formação, **opcionalmente**, será garantido o direito de uma complementação curricular para que possam cursar as disciplinas necessárias à ampliação de sua atuação profissional, conforme estabelece esta proposta de currículo.

O aluno interessado na complementação curricular fará a solicitação à instância competente, devendo o Colegiado do Curso, analisar e emitir parecer.

TABELA DE EQUIVALÊNCIA CURRICULAR PARA AS DISCIPLINAS QUE TIVERAM ALTERAÇÃO:

CURRÍCULO 1					NOVO CURRÍCULO				
BLOCO	DISCIPLINA	CÓDIGO	CRÉDITOS	C. H.	BLOCO	DISCIPLINA	CÓDIGO	CRÉDITOS	C. H.
1	Teoria da Conservação I	270003	4.0.0	60	1	Teoria da Conservação	270003	4.0.0	60
7	Prática de Conservação de Arte Rupestre	270038	2.4.0	90	8	Prática de Conservação de Arte Rupestre	270038	2.6.0	120
7	Prática de Trabalho de Campo	270037	2.2.8	180	7	Estágio Supervisionado	a criar	0.0.14	210
Optativa	Tópicos em Museologia	270047	4.0.0	60	Optativa	Arqueologia e Museus	a criar	4.0.0	60

DISCIPLINAS POR BLOCO

CENTRO	DISCIPLINAS	CÓDIGO	CRÉDITO	CATEGORIA DAS DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA
1º BLOCO					
CCN	Seminário I: Introdução ao Curso	270001	1.0.0	Complementar obrigatório	15
CCN	Arqueologia I	270002	4.0.0	Conteúdo básico	60
CCHL	Introdução à Metodologia Científica	305100	4.0.0	Conteúdo básico	60
CCN	Teoria da Conservação	270003	2.2.0	Conteúdo básico	60
CCHL	Antropologia I	302996	4.0.0	Conteúdo básico	60
CCN	Origem e Evolução Humana	270004	4.0.0	Conteúdo básico	60
	Optativa				60
Total					375
2º BLOCO					
CCN	Seminário II: Tópicos em Ciências Exatas	270005	1.0.0	Complementar obrigatório	15
CCN	Arqueometria	270006	2.2.0	Conteúdo profissional	60
CCHL	Antropologia II	302997	4.0.0	Conteúdo complementar obrigatório	60
CCN	Arqueologia II	270007	4.0.0	Conteúdo profissional	60
CCN	Geoarqueologia	270008	2.2.0	Conteúdo profissional	60
CCN	Ecosistemas	270009	2.2.0	Conteúdo básico	60
	Optativa				60
Total					375
3º BLOCO					
CCN	Estatística Aplicada a Arqueologia	260480	4.0.0	Conteúdo complementar obrigatório	60
CCN	História da América Portuguesa	270014	4.0.0	Conteúdo complementar obrigatório	60
CCN	Fundamentos de Geologia do Quaternário	270015	4.0.0	Conteúdo complementar obrigatório	60
CCN	Filosofia e Ética	270016	4.0.0	Conteúdo complementar obrigatório	60
CCN	Tópicos em Zooarqueologia	270011	4.0.0	Conteúdo complementar obrigatório	60
CCN	Arqueologia Americana	270017	4.0.0	Conteúdo profissional	60
Total					360

CENTRO	DISCIPLINAS	CÓDIGO	CRÉDITO	CATEGORIA DAS DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA
4º BLOCO					
CCN	Seminário III: Legislação do Patrimônio Cultural	270018	1.0.0	Conteúdo profissional	15
CCN	Arqueologia Brasileira	270019	4.0.0	Conteúdo profissional	60
CCN	História dos Índios no Brasil	270020	4.0.0	Conteúdo profissional	60
CCN	Geomorfologia	270021	2.2.0	Conteúdo complementar obrigatório	60
CCN	Técnicas de Laboratório em Arqueologia	270022	1.3.0	Conteúdo profissional	60
CCN	Arte Rupestre I	270023	2.2.0	Conteúdo profissional	60
	Optativa				60
Total					375
5º BLOCO					
CCN	Seminário IV: Legislação Ambiental	270024	1.0.0	Conteúdo profissional	15
CCN	Paleontologia Geral	270025	4.0.0	Conteúdo complementar obrigatório	60
CCN	História do Piauí	270026	4.0.0	Conteúdo complementar obrigatório	60
CCN	Arte Rupestre II	270027	4.0.0	Conteúdo profissional	60
CCS	Anatomia Humana – Arqueologia	111175	2.2.0	Conteúdo complementar obrigatório	60
CCN	Monografia I	270029	4.0.0	Conteúdo profissional	60
	Optativa				60
Total					375
6º BLOCO					
CCN	Técnicas de Levantamento de Sítios Arqueológicos e da Cultura Imaterial	270030	1.1.0	Conteúdo profissional	30
CCN	Teoria do Trabalho de Campo	270031	2.2.0	Conteúdo profissional	60
CCA	Anatomia Animal	605205	2.2.0	Conteúdo complementar obrigatório	60
CCHL	Cartografia	304607	2.2.0	Conteúdo complementar obrigatório	60
CCN	Arqueologia Histórica	270035	4.0.0	Conteúdo profissional	60
CCN	Desenho Técnico de Material Arqueológico	270036	2.2.0	Conteúdo profissional	60
Total					330

CENTRO	DISCIPLINAS	CÓDIGO	CRÉDITO	CATEGORIA DAS DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA
7º BLOCO					
CCN	Estágio Supervisionado		0.0.14	Estágio	210
Total					210
8º BLOCO					
CCN	Monografia II TCC	270040	4.0.0	Conteúdo profissional	60
CCN	Prática de Conservação de Arte Rupestre	270038	2.6.0	Conteúdo profissional	120
Total					180

TOTAL DE CARGA HORÁRIA DE DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	2130
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	210
DISCIPLINAS OPTATIVAS	240
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	120
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO	2700

BLOCO I	Seminário I: Introdução ao	Arqueologia I	Introd. a Metodologia	Teoria da Conservação	Antropologia I	Origem e Evolução	OPTATIVA
	15h 1.0.0	60h 4.0.0	60h 4.0.0	60h 2.2.0	60h 4.0.0	60h 4.0.0	60h
BLOCO II	Seminário II: Tópicos em	Arqueologia II	Arqueometria	Geoarqueologia	Antropologia II	Ecosistemas	OPTATIVA
	15h 1.0.0	60h 4.0.0	60h 2.2.0	60h 2.2.0	60h 4.0.0	60h 2.2.0	60h
BLOCO III	Estatística Aplicada à Arqueologia	História da América	Fundamentos de Geologia do Quaternário	Filosofia e Ética	Tópicos em Zooarqueologia	Arqueologia Americana	
	60h 4.0.0	60h 4.0.0	60h 4.0.0	60h 4.0.0	60h 4.0.0	60h 4.0.0	
BLOCO IV	Seminário III: Legislação do Patrimônio Cultural	História dos Índios no Brasil	Arqueologia Brasileira	Geomorfologia	Técnicas de Laboratório em Arqueologia	Arte Rupestre I	OPTATIVA
	15h 1.0.0	60h 4.0.0	60h 4.0.0	60h 2.2.0	60h 1.3.0	60h 2.2.0	60h
BLOCO V	Seminário IV: Legislação Ambiental	História do Piauí	Paleontologia Geral	Anatomia Humana - Arqueologia	Monografia I	Arte Rupestre II	OPTATIVA
	15h 1.0.0	60h 4.0.0	60h 4.0.0	60h 2.2.0	60h 4.0.0	60h 2.2.0	60h
BLOCO VI	Técnicas de Levantamento de Sítios Arqueológicos e da Cultura	Teoria do Trabalho de Campo	Arqueologia Histórica	Anatomia Animal	Desenho Técnico do Material Arqueológico	Cartografia	
	30h 1.1.0	60h 2.2.0	60h 4.0.0	60h 2.2.0	60h 2.2.0	60h 2.2.0	
BLOCO VII	Estágio Supervisionado						
	210h 0.0.14						
BLOCO VIII	Monografia II TCC	Prática de Conservação de Arte					
	60h 4.0.0	120h 2.6.0					

CATEGORIAS DAS DISCIPLINAS

Na organização curricular estão definidas quatro categorias de disciplinas de conteúdo: **básico**, **profissional**, **complementar obrigatória** e **optativa**, bem como outras atividades curriculares, como: estágio supervisionado e as atividades acadêmico-científico-culturais, que no seu conjunto agregam e ao mesmo tempo compõem as áreas de conhecimento do Curso.

As **disciplinas obrigatórias (conteúdo básico, conteúdo profissional e conteúdo complementar)** destinam-se a propiciar ao aluno uma formação teórica sólida e consistente nos conteúdos da arqueologia das ciências afins, bem como nos conteúdos de caráter instrumental da prática arqueológica e constituem a parte substancial do curso.

As **disciplinas optativas** destinam-se ao aprofundamento dos conteúdos próprios de um campo mais especializado da atuação do Arqueólogo, propiciando ao aluno mais elementos para a sua formação profissional, bem como o incentivo necessário, objetivando a continuidade dos estudos em nível de pós-graduação. O aluno deverá cursar, obrigatoriamente, no mínimo 04 disciplinas optativas de sessenta (60) horas, ou seja, 240 horas no total.

ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS (AACC)

A matriz curricular é constituída também pelas **Atividades Acadêmico-Científico-Culturais** (AACC) que se constituem num conjunto de estratégias pedagógico-didáticas que permitem, no âmbito do currículo, a articulação entre teoria e prática e a complementação, por parte do aluno, dos saberes e habilidades necessárias à sua formação. Estas atividades complementares poderão ser realizadas a partir do primeiro bloco do curso, devendo perfazer um total de 120 horas. Conforme a Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPEX nº150/06 da Universidade Federal do Piauí, serão consideradas como atividades complementares:

I - Atividades de iniciação à docência e à pesquisa

Atividade:

- Exercício de monitoria;
- Participação em pesquisa e projetos institucionais;
- Participação em grupos de estudo/pesquisa sob supervisão de professores e/ou alunos dos Cursos de Mestrado e/ou Doutorado da UFPI.

II - Atividades de participação e/ou organização de eventos gerais

- Congressos;
- Seminários;
- Conferências;
- Palestras;
- Fóruns;
- Semanas acadêmicas (participação e organização).

III - Experiências profissionais e/ou complementares

- Realização de estágios não obrigatórios cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão;
- Realização de estágios em Empresa Júnior/Incubadora de Empresas;
- Participação em projetos sociais governamentais e não governamentais;
- Participação em programas de bolsa da UFPI.

IV - Trabalhos publicados -

- Revistas indexadas, jornais e anais;
- Apresentação de trabalhos em eventos científicos;
- Aprovação ou premiação em concursos.

V - Atividades de extensão

- Cursos à distância;
- Estudos realizados em programas de extensão;
- Participação em projetos de extensão.

VI - Vivências de gestão

- Participação em órgãos colegiados da UFPI;
- Participação em comitês ou comissões de trabalho na UFPI, não relacionados a eventos;
- Participação em entidades estudantis da UFPI como membro de diretoria.

VII - Atividades artístico-culturais e esportivas e produções técnico-científicas -

- Participação em grupos de arte, tais como: teatro, dança, coral, poesia, música;
- Produção ou elaboração de vídeos, softwares, exposições e programas radiofônicos.

VIII - Disciplina eletiva ofertada por outro Curso desta Instituição ou por outras Instituições de Educação Superior**IX - Estágio não obrigatório, diferenciado do estágio supervisionado****X - Visitas técnicas**

No **Anexo II** disponibilizamos detalhadamente o Quadro de Atividades Complementares a ser utilizado pelo curso com a pontuação mínima e máxima de cada atividade para cômputo das mesmas e registro no Histórico Escolar.

Para tanto, cada aluno deverá registrar as atividades no sistema disponibilizado pela UFPI no link (<http://atividades.ufpi.br/>), nos períodos específicos a serem divulgados pela PREG, e apresentar na Coordenação do Curso a documentação necessária (certificados, declarações e outros, conforme orienta o **Anexo II**). Serão computados como AACC o mínimo de 08 créditos, correspondentes a 120 horas.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Ao ingressar no sétimo período letivo do curso os alunos deverão realizar o **Estágio Supervisionado** com carga horária total de 210 horas, podendo ser realizado em dependências da UFPI ou em instituições e/ou empresas públicas ou privadas, desde que atendendo ao disposto na resolução n.º 22/09 CEPEX/UFPI.

O estágio supervisionado contará com a seguinte estrutura: uma Coordenação de Estágio Supervisionado, com um coordenador eleito entre os docentes orientadores e o supervisor das instituições ou empresas conveniadas com formação ou experiência na área de formação do curso. A carga horária do estágio curricular supervisionado atinge 7,77 % da carga horária total do Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre da UFPI e inclui atividades relacionadas ao exercício profissional, podendo incluir tanto as atividades em campo (prospecção, escavação e conservação de arte rupestre) quanto as de laboratório e de gestão dos bens arqueológicos.

O estágio supervisionado segue as exigências legais em relação às diretrizes curriculares do MEC (2001), o Regimento Geral da UFPI e a normatização específica do âmbito acadêmico da UFPI. De acordo com tais documentos, o estágio é uma das atividades constantes no currículo pleno, que tem por finalidade a preparação para o trabalho produtivo dos educandos.

Através do estágio supervisionado o aluno tem contato com todas as dimensões do trabalho de sua profissão e a oportunidade de vivenciar situações reais a serem defrontadas em sua futura vida profissional, observando, participando, interagindo e criticando, de forma construtiva.

A prática de Estágio Supervisionado em Arqueologia acontecerá no bloco 07 do curso, visando consolidar a formação acadêmica, proporcionando a integração teórico-prática com o desenvolvimento das habilidades do futuro profissional.

A Coordenação de Estágio tem a responsabilidade de oferecer possibilidades de estágio em diferentes campos de atuação, mediante estabelecimento de convênios com instituições públicas e/ou privadas e a universidade. Os locais de estágio devem ter profissionais com formação ou experiência na área do curso e oferecer condições adequadas ao bom desenvolvimento do estágio.

Os alunos receberão a orientação individual e o seu desempenho será avaliado pelo docente-orientador e pelo supervisor de estágio da instituição ou empresa conveniada quanto aos aspectos éticos e humanos. O aluno deverá apresentar, como forma de avaliação, o relatório de estágio.

MIGRAÇÃO DE CURRÍCULO

A transferência do aluno do currículo já existente (2070-1) para um novo currículo (2070-2) torna-se necessária para que o aluno possa:

1. Cumprir a carga horária de 2.700 horas recomendada pelo Ministério da Educação (MEC) e Conselho Nacional da Educação (CNE) para cursos com duração de até 04 (quatro) anos;
2. Realizar o estágio supervisionado obrigatório de forma integral, sem provocar choque de horário com outras disciplinas e
3. Cursar disciplinas optativas específicas da área de Arqueologia.

Os alunos que ingressaram nos períodos 2009.1, 2010.1 e 2011.1 **poderão** migrar para o Currículo II, se assim o desejarem.

Os alunos que ingressaram a partir de 2012.1 estarão automaticamente enquadrados no Currículo II.

A tabela a seguir apresenta a equivalência entre as disciplinas do Currículo I (implantado em 2008.1) e as disciplinas propostas pelo Currículo II (2012.1).

CURRÍCULO 1 – INGRESSANTES NO PERÍODO 2008.1				CURRÍCULO 2 – INGRESSANTES A PARTIR DO PERÍODO 2009.1			
BLOCO	CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITOS /CARGA HORÁRIA	BLOCO	CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITOS /CARGA HORÁRIA
1	270003	TEORIA DA CONSERVAÇÃO I	4.0.0/60H	1	270049	TEORIA DA CONSERVAÇÃO	2.2.0/60H
7	270038	PRAT. DE CONSERV. DE ARTE RUPEST*	2.4.0/90H	8	270062	PRAT. DE CONSERV. DE ARTE RUPEST	2.6.0/120H
	270037	PRATICAS DE TRABALHO DE CAMPO ³	2.2.8/180H	7	270061	ESTAGIO SUPERVISIONADO	0.0.14/210H

As demais disciplinas permanecem inalteradas no Currículo II.

³ Aplicável ao aluno que ainda não cursou a disciplina.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Reconhecendo a importância dos paradigmas da pedagogia moderna e atendendo às orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (MEC, 1996) é que se insere o Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia I e II) na matriz curricular do curso de Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre, com o objetivo de oferecer aos alunos a oportunidade para articular o conhecimento construído ao longo do curso em torno de um tema organizador, como também de estimular a iniciação científica. O regulamento e as orientações relacionadas ao Trabalho de Conclusão de Curso estão descritos no Anexo 1, deste documento.

QUADRO DE DISCIPLINAS

DISCIPLINAS DE CONTEÚDOS BÁSICOS		
DISCIPLINA	BLOCO	CARGA HORÁRIA
Antropologia I	1	60 h
Arqueologia I	1	60 h
Ecosistemas	2	60 h
Introdução à Metodologia Científica	1	60 h
Origem e Evolução humana	1	60 h
Teoria da Conservação	1	60 h
DISCIPLINAS DE CONTEÚDOS PROFISSIONAIS		
DISCIPLINA	BLOCO	CARGA HORÁRIA
Arqueologia Americana	3	60 h
Arqueologia Brasileira	4	60 h
Arqueologia Histórica	6	60 h
Arqueologia II	2	60 h
Arqueometria	2	60 h
Arte Rupestre I	4	60 h
Arte Rupestre II	5	60 h
Desenho Técnico do Material Arqueológico	6	60 h
Geoarqueologia	2	60 h
História dos Índios no Brasil	4	60 h
Monografia I	5	60 h
Monografia II TCC	8	60 h
Prática de Conservação em Arte Rupestre	8	120 h
Seminário III: Legislação de Patrimônio Cultural	2	15 h
Seminário IV: Legislação Ambiental	5	15 h
Técnicas de Laboratório em Arqueologia	4	60 h
Técnicas de Levantamento de Sítios Arqueológicos e da Cultura Imaterial	6	30 h
Teoria do Trabalho de Campo	6	60h

DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIAS		
DISCIPLINA	BLOCO	CARGA HORÁRIA
Anatomia animal	6	60 h
Anatomia Humana - Arqueologia	5	60 h
Antropologia II	2	60 h
Cartografia	6	60 h
Estatística aplicada a Arqueologia	3	60 h
Filosofia e Ética	3	60 h
Fundamentos de Geologia do Quaternário	3	60 h
Geomorfologia	4	60 h
História da América Portuguesa	3	60 h
História do Piauí	5	60 h
Paleontologia Geral	5	60 h
Seminário I: Introdução ao Curso	1	15 h
Seminário II: Tópicos em Ciências Exatas	1	15 h
Tópicos em Zooloquia	3	60 h

BLOCO	CÓDIGO	DISCIPLINAS OPTATIVAS	CRÉDITOS /CARGA HORÁRIA
1	303700	FRANCES INSTRUMENTAL BASICO	4.0.0/60H
	270048	HISTORIA CULTURAL	4.0.0/60H
	303600	INGLES INSTRUMENTAL BASICO	4.0.0/60H
	303799	LIBRAS - LINGUA BRAS DE SINAIS	2.2.0/60H
2	270050	ESTUDO DOS ARTEFATOS CERAMICOS	1.3.0/60H
	270051	ESTUDO DOS ARTEFATOS LITICOS	1.3.0/60H
	303001	PORTUGUES I PRAT DE REDACAO	4.0.0/60H
	270052	TEORIAS E METODOS EM ARQUEOL	4.0.0/60H
4	270054	ARQUEOL EM AMBIENTE COSTEIRO	2.2.0/60H
	270053	ARQUEOLOGIA E TURISMO	4.0.0/60H
	270055	ARQUEOLOGIA PUBLICA	4.0.0/60H
	270056	ETNOARQUEOLOGIA	4.0.0/60H
5	270057	ARQUEOL E LICENC AMBIENTAL	3.1.0/60H
	270058	ARQUEOLOGIA E MUSEUS	4.0.0/60H
	270059	ARQUEOLOGIA SUBAQUATICA	3.1.0/60H
	270060	REL ETNICO RACIAIS GENER E DIV	4.0.0/60H

EMENTÁRIO

Disciplina: Seminário I: Introdução ao Curso	Código 270001	Bloco 1
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 1.0.0	Carga Horária 15 h
<p>Ementa: Organização do curso e distribuição das disciplinas. O profissional de Arqueologia e conservação de arte rupestre, atuação, ética profissional e mercado de trabalho. O Núcleo de Antropologia Pré-Histórica da UFPI E A Fundação Museu do Homem Americano.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> UFPI. Estatuto Fundação Universidade Federal do Piauí. Portaria nº 180, de 05 de fevereiro de 1993. Disponível em: <http://www.ufpi.br/arquivos/File/estatutos_e_regimentos/estatuto_fufpi.pdf> UFPI. Estatuto da Universidade Federal do Piauí. Decreto nº 72.140, de 26 de abril de 1973. Diário Oficial da União, Brasília, 23 abr. 1973. Disponível em: <http://www.ufpi.br/arquivos/File/estatutos_e_regimentos/estatuto_ufpi.pdf> UFPI. Regimento geral da Universidade Federal do Piauí. Disponível em: http://www.ufpi.br/arquivos/File/estatutos_e_regimentos/regimento_geral_ufpi.pdf www.ufpi.br; www.sabnet.com.br www.ab-arterupestre.org. www.fumdham.org.br</p>		
<p><u>Complementar:</u> MARTIN, Gabriela. Pré-História do Nordeste do Brasil. 5. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008. BAHN, Paul. Prehistoric Art. New York: Cambridge University Press, 1998. GUIDON, N. A arte pré-histórica da área arqueológica de São Raimundo Nonato: síntese de dez anos de pesquisa. Revista CLIO. Recife, UFPE, n. 7, p. 3-80, 1985. (Série Arqueológica). GUIDON, N. A sequência cultural da área de São Raimundo Nonato, Piauí. Revista CLIO. Recife, UFPE, n. 3, p. 137-144, 1986. (Série Arqueológica).</p>		

Disciplina Arqueologia I	Código 270002	Bloco 1
Centro de Ciências da Natureza – CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa: Conceito de Arqueologia. Os primeiros estudos. O papel dos museus na arqueologia. A expansão humana da África para Ásia e Europa. Classificação e caracterização dos períodos</p>		

culturais no Velho Mundo.

Bibliografia:

Básica:

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. 2. ed. Brasília: UNB, 2003.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Arqueologia: teoria, métodos y practica**. Madrid: Ediciones Akal, 1993.

MOBERG, Carl-Axel. **Introdução à arqueologia**. Lisboa: Edições 70, 1981.

TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.

Complementar:

LEROI-GOURHAN, A. **Dictionnaire de la préhistoire**. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.

MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 5. ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.

Disciplina: Introdução à Metodologia Científica	Código 305100	Bloco 1
Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60h
Ementa: Metodologia do Estudo. Caracterização e instrumentalização: leitura, documentação, trabalho científico. O conhecimento, a ciência e o método científico. Ciência e sociedade.		
Bibliografia: <u>Básica:</u> BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide. Fundamentos da metodologia científica: um guia para a iniciação científica . 3. ed. ampl. São Paulo: Makron Books, 2007. CERVO, Amado Luiz. Metodologia do trabalho científico . 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. GRANJA, Elza Corrêa et.al. Normalização de referências bibliográficas: manual de orientação . 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1997. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos . 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.		
<u>Complementar:</u> BARAAS, Robert. Os cientistas precisam escrever: guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes . São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979. LUCKESI, Cipriano et.al. Fazer universidade: uma proposta metodológica . 18. ed. São Paulo: Cortez, 1998.		

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

Disciplina: Teoria da Conservação	Código 270003	Bloco 1
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h
Ementa: Aspectos teóricos e conceituais na abordagem do patrimônio cultural. Estudo das principais correntes teóricas versando sobre os problemas relativos à conservação, restauração, reestruturação e reconstrução do patrimônio cultural. As Cartas Patrimoniais da UNESCO. A conservação do patrimônio arqueológico. Breve histórico sobre trabalhos de conservação arqueológica.		
Bibliografia: <u>Básica:</u> BEDNARIK Robert G. Rock Art Science: the scientific study of paleoart . New Delhi: Aryan Books International, 2007. BRUNET, Jacques; VIDAL, Pierre; VOUVÉ, Jean. Conservation de l'art rupestre . Paris: UNESCO, 1986. (Etudes et Documents sur le Patrimoine Culturele, n. 7) BRUNET, Jacques; VIDAL, Pierre. Les oeuvres rupestres préhistoriques: etude de problèmes de conservation. Studies in Conservation , Paris, n. 25, p. 97-107, 1980. CANEVA, Giulia; SALVADORI, Ornella. La dégradation et la conservation de la Pierre . [s.l]: UNESCO, 1996 (v. 16). CLARKE, J. Conservation and restoration of painting and engraving sites in Western Australia. In: Conservation of Rock Art (C. Pearson ed.), I.C.C.M., Sydney, p. 89-94, 1978. LAGE, Maria Conceição Soares Meneses. A conservação de sítios de arte rupestre. Revista do Patrimônio , Rio de Janeiro, n. 33, 2007.		
<u>Complementar:</u> CASTRO, de. C.; JATOBÁ. Litosfera: minerais, rochas, relevo . Recife: Editora Universitária UFPE, 2004. CASTRO, Sônia Rabello de. Coletânea de Leis sobre o Patrimônio Cultural . Brasília: Edições do Patrimônio, 2006. CLOTTE, J. La grotte de Niaux. Revue des Monuments Historiques , n.118, p. 65-74, 1981. COMITÉ DOMINICANO DEL ICOMOS. Consejo Internacional de Monumentos y Sitios: Carta de Venecia 1964, Normas de Quito 1967, Resolución de Santo Domingo 1974, Santo Domingo, 1994. DOLANSKI, J. Silcrete skins-their significance in rock art weathering. In: Conservation of Rock Art . (C. Pearson ed.), I.C.C.M., Sydney, p. 89-94, 1978. GOMIDE, José Hailton; SILVA, Patrícia Reis da; BRAGA, Sylvia Maria Melo. Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural . Brasília: Ministério da		

Cultura, Programa Monumenta, 2005. (Cadernos Técnicos, n. 1).

GUIDON, Niède; LAGE, Maria Conceição S. Meneses. Sauvegarde des peintures préhistoriques d'un site de la Tradition Nordeste. **INORA**, Paris – França, v.I, n. 8, p. 23-30, 2002.

GUIDON, Niède; LAGE, Maria Conceição S. Meneses. Exemples de Conservation Active dans deux Sites à Peintures Préhistoriques du Piauí (Brésil): La Toca do Veado et Arco do Covão. In: L'Art avant l'histoire: la conservation de l'art préhistorique, publication des communications, **SFIIC**, França, 2002.

LAGE, Maria Conceição Soares Meneses; BORGES, Jóina Freitas; ROCHA JÚNIOR, Simplício dos Santos. Sítios de Registros Rupestres: Monitoramento e Conservação. **MNEME**, Recife, v. 1, n. 1, p. 01-24, 2004.

LAGE, Maria Conceição S. Meneses, Freitas Borges, Jóina. A Teoria da Conservação e as Intervenções na Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada – BP. **Revista CLIO**, Recife, UFPE, n. 16, 2004. (Série Arqueológica).

LAGE, Maria Conceição Soares Meneses; GUIDON, Niède; BORGES, Jóina Freitas. Os Trabalhos de Conservação dos Sítios de Arte Rupestre do Parque Nacional da Serra da Capivara. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PRESERVAÇÃO DA ARTE RUPESTRE NOS SÍTIOS DO PATRIMÔNIO MUNDIAL - ABAR, 1., 2004, São Raimundo Nonato. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

LAGE, Maria Conceição S. Meneses; MARQUES, Marcélia, HUGON, Paulette. Os pigmentos pré-históricos de Grafismos Rupestres do Sertão Central do Ceará: análise química e reconstituição da técnica de realização. **FUMDHAMENTOS**, Piauí, n.3, 2003.

LAGE, Maria Conceição S. Meneses; BORGES, Jóina Freitas. A conservação de sítios de arte rupestre e a necessidade de profissionais: um exemplo de formação de especialistas. **Com Ciência**, Campinas/SP, UNICAMP, 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/arqueologia>>.

LAGE, Maria Conceição S. Meneses; PUCCIONI, Sílvia; FIGUEIREDO, Diva Maria. Intervention structurelle de conservation dans le site de la Toca da Entrada do Pajauí, du Parc National de la Serra da Capivara – Piauí – Brésil. In: L'Art avant l'histoire - La conservation de l'art préhistorique, publication des communications, **SFIIC**, França, 2002.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Programa Monumenta. Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural. Elaboração José Hailon Gomide, Patrícia Reis da Silva, Sylvia Maria Nelo Braga. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Programa Monumenta, 2005. (Programa Monumenta, Cadernos Técnicos 1). Disponível em: <http://www.monumenta.gov.br/upload/Manual%20de%20elaboracao%20de%20projetos_1168630291.pdf>.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral. Diagnóstico do município de Ingá. Recife: CPRM, 2005. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/INGA086.pdf>> Acesso 19/03/2011.

ROULIERE-LAMBERT, Marie-Jeanne. **Les Mystères de l'archéologie**: les sciences à la recherche du passé. Paris: Caisse Nationale de Monuments Historiques et des Sites, Universitaires de Lyon, 1990.

Disciplina: Antropologia I	Código 302996	Bloco 1
Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Objeto, campo e abordagem antropológicos. A antropologia e a relação com as ciências afins. A história da antropologia e a construção de seus paradigmas. A antropologia e o estudo das diferenças culturais. Etnocentrismo X Relativismo. Introdução ao conceito antropológico de cultura.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> GOMES, M. P. A antropologia. São Paulo: Contexto, 2009. LAPLANTINE, F. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2009. LARAIA, R. Cultura: um conceito antropológico. 22. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. LÉVI-STRAUSS, C. Raça e História. In: Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008. p.328-366. ROCHA, E. O Que é Etnocentrismo? São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos, 124).</p>		
<p><u>Complementar:</u> DA MATTA, R. A antropologia no quadro das ciências sociais. In: Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. LEROI-GOURHAN, A. Evolução e técnicas. Lisboa: Edições 70, 1984. LÉVI-STRAUSS, C. O Campo da Antropologia. In: Antropologia estrutural. Rio: Tempo Brasileiro, 2008. _____. Relativizando. Petrópolis: Vozes, 1981. RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.</p>		

Disciplina: Origem e Evolução Humana	Código 270004	Bloco 1
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>O aparecimento do homem na Terra. O processo de hominização, dos primatas ao Homo sapiens. Principais características físicas dos Australopithecus, Homo habilis, Homo erectus, Homo de Neandertal e Homo sapiens sapiens. Principais achados e o estado atual das pesquisas.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> ARSUAGA, J. L. O colar do Neandertal: em busca dos primeiros pensadores. São Paulo: Ed. Globo, 2007.</p>		

FOLEY, Robert. **Os humanos antes da humanidade**. São Paulo: UNESP, 2003.
 LEAKEY, R. E.; LEWIN, R. **O povo do lago**. 2. ed. Brasília: EDUNB, 1996.
 LEAKEY, R. A origem das espécies. In: DARWIN, Charles. **A origem e evolução das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2008, p.11-48.
 RIDLEY, Matt. **O que nos faz humanos**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2004.
 STANFORD, Craig. **Como nos tornamos humanos**. Rio de Janeiro: Campus, Elsevier, 2004.

Complementar:

BANCO DO BRASIL. Antes. Histórias da Pré-História. **Centro Cultural Banco do Brasil**, 2005.
 FOLEY, Robert. **Apenas mais uma espécie única**. São Paulo: Edusp, 1993.
 JOHANSON, Donald & SHREEVE, James. **O filho de Lucy**: a descoberta de um ancestral humano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
 LEAKEY, Meave; WALKER, Alan. Os primeiros fósseis hominídeos da África. **Scientific American**, Brasil, n. 2, p. 16 -21, 2004. (Edição especial: Novo olhar sobre a evolução humana).
 LEWIN, Roger. **Evolução humana**. São Paulo: Atheneu Editora, 1999.
 MITHEN, Steven. **A pré-história da mente**. São Paulo: UNESP, 2002.
 OLSON, Steve. **A história da humanidade**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
 WOLFGANG, Enard et. al. Molecular evolution of FOXP2: a gene involved in speech and language. **Nature**, v. 418, 22 August, p. 870, 2002.

Disciplina: Seminário II: Tópicos em Ciências Exatas	Código 270005	Bloco 2
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 1.0.0	Carga horária 15 h
<p>Ementa: Modelagem matemática. Teoremas de caracterização de funções elementares. Cálculo de distâncias entre pontos inacessíveis.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> ATKINS, P.; JONES, L. Princípios de química: questionando a vida moderna e o meio ambiente. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. BACCAN, N.; ALEIXO, L. M.; STEIN, E.; GODINHO, O. E. S. Introdução à semimicroanálise qualitativa. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. BACCAN, N.; ANDRADE, J. C. de; GODINHO, O. E. S.; BARONE, J. S. Química analítica quantitativa elementar. 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher, Campinas: Editora da Unicamp, 1979. RUSSEL, J. B. Química geral. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1981.</p>		
<p><u>Complementar:</u> BROTHWELL, D.; HIGGS E. Science in archaeology: a survey of progress and research. London: Thames & Hudson, 1969.</p>		

CRESPO, A. A. **Estatística fácil**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

Disciplina: Arqueometria	Código 270006	Bloco 2
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60h
Ementa: Definição e histórico da Arqueometria. As etapas da Arqueometria: prospecção, análise e datação de vestígios, trabalhos de conservação e tratamento dos dados.		
Bibliografia: <u>Básica:</u> BAHN, P; STRECKER, Matthias (Ed.). Dating and the earliest Known Rock Art . [s.l]: Ed. Oxbow Books, 1999. BECK, C. W. Archaeological chemistry. American Chemical Society , 1974. (Advances in Chemistry Series). BEDNARIK, Robert G. Rock Art Science: the scientific study of paleoart . New Delhi: Ed. Aryan Books International, 2007. ROULIERE-LAMBERT, Marie-Jeanne. Les mystères de l'archéologie: Les sciences à la recherche du passé . Paris: Caisse Nationale de Monuments Historiques et des Sites, Universitaires de Lyon, 1990. FLOOD, J. Rock art of the dreamtime: images of Ancient Australia . [s.l]: Angus & Robertson, 1997. <u>Complementar:</u> CLARKE, J. Conservation and restoration of painting and engraving sites in Western Australia. In: Conservation Of Rock Art. (C. Pearson ed.), I.C.C.M. , Sydney, p. 89-94, 1978. LAGE, M. C. S. M. Análise química de pigmentos de arte rupestre do Sudeste do Piauí. Revista de Geologia , Fortaleza, UFC, p. 83-96, 1996. BOUKINIER, G. Importance des premières utilisations paléolithiques de matières colorantes pour une paléontologie des symboles. Place par Rapport aux autres Témoins Esthétiques. Congrès National des Sociétés Savantes , 98., Saint-Etienne, p. 419-430, 1973. GUIDON, N., DELIBRIAS, G. Carbon-14 dates point to man in the americas 32,000 years ago. Nature , v. 321, n. 6072, p. 769-771, 1976.		

Disciplina: Antropologia II	Código 302997	Bloco 2
Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
Ementa: Objeto, campo e abordagem antropológicos. A Antropologia e a relação com as ciências afins. A história da antropologia e a construção de seus paradigmas – parte II. A		

Antropologia e o estudo das diferenças culturais. O conceito de cultura e os paradigmas antropológicos ao longo do século XX: estruturalismo, estrutural-funcionalismo, antropologia social britânica, marxismo, interpretativismo, pós-modernidade. Temas: parentesco, economia, mito/rito, simbolismo. Antropologia brasileira e etnologia indígena.

Bibliografia:

Básica:

LABURTHE-TOLRA, P.; WARNIER, J-P. **Etnologia-Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

LARAIA, R. **Cultura: um conceito antropológico**. 22 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. Raça e História. In: **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, p.328-366.

ROCHA, E. **O Que é Etnocentrismo?** São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).

Complementar:

DA MATTA, R. A antropologia no quadro das ciências sociais. In: **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LEROI-GOURHAN, A. **Evolução e técnicas**. Lisboa: Edições 70, 1984.

LÉVI-STRAUSS, C. O Campo da Antropologia. In: **Antropologia estrutural**. Rio: Tempo Brasileiro, 1993.

_____. **Relativizando**. Petrópolis: Vozes, 1981.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Disciplina: Arqueologia II	Código 270007	Bloco 2
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa: Introdução: as culturas da Antigüidade Clássica. Grécia, Etrúria, Roma e culturas periféricas. Quadro geográfico e histórico. Cronologia em Arqueologia Clássica. II. Arqueologia Clássica: fundamentação teórica e metodológica. A Arqueologia Clássica no quadro das Ciências Humanas e Sociais. Arqueologia, Epigrafia, Filologia: encontros e desencontros. Arqueologia, Arqueometria, Arqueografia: o potencial científico das técnicas de campo e de laboratório III. Arqueologia Clássica: fundamentação documental. Constituição de corpus documental: metodologia e instrumentos de pesquisa. Arquitetura e urbanismo: caracterização. Escultura e pintura: alguns cânones de arte clássica. Cerâmica: elementos de ceramografia e ceramologia. IV. Arqueologia Clássica e sistemas culturais. Arqueologia da imagem: a expressão imagética do mito e da religião. Arqueologia de santuários: a morada dos deuses e a presença dos mortais.</p>		
Bibliografia:		
<u>Básica:</u>		

BRANCAGLION JUNIOR, Antonio. **Manual de arte e arqueologia egípcia**. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2003. (v.1 e v. 2).

FLORENZANO, Maria Beatriz. A arqueologia clássica e ciências humanas. **Anos 90 - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 17, jul., p. 13-22. 2003.

FUNARI, Pedro Paulo A. Os debates historiográficos sobre a antiguidade clássica e as ciências humanas: filologia, literatura e linguística. **Anuari de Filologia: Studia Graeca et Latina**, 20, D, 8, 29-38. 1999.

MACHADO, Paulo de Castro Marcondes. Estudos de arqueologia: analisando Ian Morris e "Classical Greece Ancient Histories And Modern Archaeologies". **Revista Virtual de História**, v. 6, p. 6-6, 2001. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra6/arqueologia.html>>. Acesso: 02 maio 2010.

MATTOS, Claudia Valladão de. Winckelmann e o meio antiquário de seu tempo. **Revista de História da Arte e Arqueologia (RHAA)**. São Paulo, Unicamp, n. 9, jan./jun., p. 69-79. 2008.

Complementar:

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Olímpia a serviço de Germânia: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. **Clássica**, Brasil. 19.2, 196-223, 2006.

FLORENZANO, M. B. B. A moeda na Grécia arcaica e clássica – séculos VII a IV a.C.: Arqueologia e mudança cultural. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE**, São Paulo, n. 14, p. 67-83, 2004.

GARRAFONI, Renata Senna. **Gladiadores na Roma Antiga**: dos combates às paixões cotidianas. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2005.

GRAEN, Dennis. O sítio da Quinta de Marim (Olhão) na época tardo-romana e o problema da localização da Statio Sacra. **Revista Portuguesa de Arqueologia**, v. 10, n. 1, p. 275-288, 2007.

HERING, Adriano. Arqueologia e nacionalismo na Europa do século XIX: a Grécia Antiga e sua reativação moderna. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; ORSER JR.; SCHIAVETTO, Solange Nunes (Org.). **Identities, discurso e poder**: estudos da arqueologia contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. p. 147-166.

JONES, Peter V. (org.). A sociedade ateniense. In: _____. **O mundo de Atenas**: uma introdução à cultura clássica ateniense. Tradução de Ana Lia de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 155-199.

PESCARIN, Sofia. **Roma**: guia de Arqueologia. Madrid: Editorial LIBSA, 2005. p. 8-17.

SILVA, Glaydson José da. A antiguidade romana e a desconstrução das identidades nacionais. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; ORSER JR.; SCHIAVETTO, Solange Nunes (Org.). **Identities, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. p. 91-101.

SNODGRASS, Anthony M. **Arqueología de Grecia**. Barcelona: Editorial Critica, 1990. p. 15-48; p.81-147.

STOAINI, Raquel; GARRAFONI, Renata Senna. Escavar o passado, (re)construir o presente: os usos simbólicos da Antiguidade clássica por Napoleão Bonaparte. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, São Paulo, n. 6, dez., p. 69-82, 2006.

Disciplina: Geoarqueologia	Código 270008	Bloco 2
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>A interdisciplinaridade na arqueologia e a Geoarqueologia como instrumento dos estudos arqueológicos. A importância da Geoarqueologia para a obtenção de dados e informações ambientais/culturais, sua contribuição para a arqueologia contextual. Exemplo de aplicação de técnicas geoarqueológicas. Orientações para a prática de pesquisa de campo.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> RAPP, Jr., G.; HILL, C. L. Geoarchaeology: the earth-science approach to archaeological interpretation. Chelsea: BrookCrafters, 1998. GOLDBERG, Paul; MACPHAIL, Richard I. Practical and theoretical geoarchaeology. Oxford: Blackwell Science, 2006. HARRIS, Edward C. Princípios de estratigrafia arqueológica. Barcelona: Crítica, 1991. BUTZER, Karl. Una ecologia del hombre. 2. ed. Barcelona: Bellaterra, 2007. WATERS, Michael R. Principles of geoarchaeology. Tucson: University of Arizona Press, 1997.</p>		
<p><u>Complementar:</u> FELICE, G. D. A controvérsia sobre o sítio arqueológico Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada. In: FUMDHAMentos, São Raimundo Nonato, PI, n. 2, v. 1, 2002. GUERRA, A. T. Novo dicionário geológico-geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. OLIVEIRA, R.F.G. As ruínas de São Miguel e a petrografia sedimentar como ferramenta na Geologia Arqueológica. In: NOWATZKI, C.H. (Org.). O Sítio Arqueológico de São Miguel das Missões: uma análise sob o ponto de vista da Geologia. São Paulo, All-Print Editora, 2004. p. 43-58. SUGUIO. K. Dicionário de geologia sedimentar e áreas afins. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.</p>		
Disciplina: Ecosistemas	Código 270009	Bloco 2
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Introdução à Ecologia. Ecosistema, comunidades e populações. Fluxo de energia. Sucessão ecológica, mecanismos de regulação ecológica. Ecosistemas terrestres, limnítico e marinho. Palestras: Unidades de Conservação, Solos e Clima.</p>		
<p>Bibliografia:</p>		

Básica:

ODUM, E. P. **Fundamentos de ecologia**. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

_____. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

PINTO-COELHO, Ricardo Mota. **Fundamentos de Ecologia**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RICKLEFS, R. E. **A economia da natureza**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

RIZZINI, C. T.; COIMBRA, A. F.; HOVAISS, A. **Ecosistemas brasileiros**. Rio de Janeiro: Index, 1988.

TOWNSEND, Colin; BEGON, Michael; HARPER, John L. **Fundamentos em ecologia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Complementar:

ESTEVES, F. A. **Fundamentos de limnologia**. Rio de Janeiro: Interciência, 1998.

FERNANDES, A. G.; BEZERRA, P. **Estudo fitogeográfico do Brasil**. Fortaleza: Stilus Comunicações, 1990.

Disciplina: Estatística Aplicada à Arqueologia	Código 260480	Bloco 3
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
Ementa: Conceitos elementares de estatística. Análise de variância. Regressão linear. Análise multivariada (HCA e PCA). Utilização de softwares estatísticos (Origin e SPSS). Aplicação de estatística a arqueometria.		
Bibliografia: <u>Básica:</u> BACCAN, N. et al. Química analítica quantitativa elementar . 2. ed. São Paulo: Edgard Blücher; Campinas: Ed. Unicamp, 1979. CRESPO, A. A. Estatística fácil . 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. DINIZ, J. A. F. Análise de distribuições espaciais em Arqueologia: uma introdução. Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó , n. 1, 1-16, 2001. MOITA NETO, J. M.; MOITA, G. C. Uma introdução à análise exploratória de dados multivariados. Química Nova , v.21, n.4, p. 467-469, 1998. SANTOS, J. O. et al. Arqueoestatística aplicada ao estudo composicional de cerâmicas arqueológicas. Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó , n. 9, p. 59-88, 2007.		
<u>Complementar:</u> DRENNAN, ROBERT D. Statistics for archaeologists: a commonsense approach . New York: Plenum Press, 1996. CANINDÉ – REVISTA DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2001. ISSN 1807-376X. Disponível em: < http://www.max.org.br/biblioteca/caninde-01.asp >. Acesso em: 19 mar 2011. REVISTA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. Disponível em:		

<<http://sabnet.com.br/>> Acesso em: 19 mar 2011.
 QUÍMICA NOVA. São Paulo: Sociedade Brasileira de Química, 1978. ISSN 0100-4042
 Impresso. ISSN 1678-7064 on-line. Disponível em: <
<http://quimicanova.sbq.org.br/index.php>>. Acesso em: 19 mar 2011.
 CLIO – SÉRIE ARQUEOLOGIA. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
 ISSN: 01029487. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista>>.
 FUMDHAMENTOS. Publicação da Fundação Museu do Homem Americano. São Raimundo
 Nonato (PI): FMHA, Centro Cultural Sérgio Mota. ISSN- 0104 - 351 X. Disponível em:
 <<http://www.fumdham.org.br/fumdhamentos6/>>.

Disciplina: História da América Portuguesa	Código 270014	Bloco 3
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Encontro de dois mundos: a colonização e as projeções mentais. O Engenho, o curral e a mina: a sociedade colonial (dominação e resistência). O açúcar, o gado e o ouro: estudo sobre a economia. A crise do sistema colonial (final do século XVIII).</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> ABREU, J. Capistrano de. Capítulos de história colonial: 1500-1800. 7. ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988. ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. O feudo: A Casa da Torre de Garcia D'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000. BORGES, Jóina Freitas. A história negada: em busca de novos caminhos. Teresina: FUNDAPI, 2004. CERTEAU, Michel de. A escrita da história. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. GODINHO, Vitorino M. Que significa descobrir? In: NOVAES, Adauto (Org.). A descoberta do homem e do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 55-82. HEMMING, John. Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2007. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Caminhos e fronteiras. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. _____. Conquista da costa leste-oeste. In: _____. (Dir.) História geral da civilização brasileira: do descobrimento à expansão territorial. Tomo I: A época colonial. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 1, 2003a. p. 213-226. PRADO JR. Caio. Historia Econômica do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2006.</p>		
<p><u>Complementar:</u> ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.);</p>		

SOUZA, Laura de Mello e. (org.). **História da vida Privada do Brasil**: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 83-154. (v. 1).

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 12. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 50. ed. rev. São Paulo: Global, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1995. p. 41-70.

_____. O descobrimento do Brasil. In: _____. (Dir.) **História geral da civilização brasileira**: do descobrimento à expansão territorial. Tomo I: A época colonial. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 1, 2003b. p. 43-61.

_____. As primeiras expedições. In: _____. (Dir.) **História geral da civilização brasileira**: do descobrimento à expansão territorial. Tomo I: A época colonial. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 1, 2003c. p. 103-110.

GRUZINSKI, Serge. **A passagem do século**: 1480-1520: as origens da globalização. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Disciplina: Fundamentos de Geologia do Quaternário	Código 270015	Bloco 3
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Definição do Período Quaternário na escala geológica: subdivisões e limites. As glaciações pleistocênicas, seus paleoambientes e prováveis causas. As mudanças paleoclimáticas e suas prováveis causas. Neotectônica e tectônica quaternária. Métodos e Técnicas de Datação do Quaternário. Geologia do Quaternário litorâneo brasileiro. Geologia do Quaternário Continental do Brasil. Importância do estudo da Geologia do Quaternário, especialmente para a Análise Ambiental.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica</u>:</p> <p>SALGADO-LABOURIAU, Maria Lea. História Ecológica da Terra. São Paulo: Edgard Blücher, 1994.</p> <p>SOUZA, Célia Regina de Gouvea et al. (Ed.). Quaternário do Brasil. Ribeirão Preto (SP): Holos, 2005.</p> <p>SUGUIO, Kenitiro. Geologia do Quaternário e mudanças ambientais (Passado+presente=futuro?). São Paulo: Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 1999.</p> <p>_____. Geologia do Quaternário e mudanças ambientais. São Paulo: Oficina de Textos, 2010.</p> <p>SUGUIO, Kenitiro; SUZUKI, Uko. A evolução geológica da Terra e a fragilidade da vida. São Paulo: Edgard Blücher, 2003.</p> <p>TEIXEIRA, Wilson et al. (Org.). Decifrando a Terra. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.</p>		

Complementar:

BOWEN, D. Q. **Quaternary Geology**: a stratigraphic framework for multidisciplinary work. Londres: Pergamon, 1978.

FLINT, R. F. **Glacial and quaternary geology**. Nova York: John Wiley & Sons, 1971.

VIVAS, L. **El Cuaternario**. Mrida: Imprenta, 1984.

Disciplina: Filosofia e Ética	Código 270016	Bloco 3
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h

Ementa:

O pensamento filosófico. A ética na pesquisa arqueológica e nas intervenções de conservação.

Bibliografia:

Básica:

FOUREZ, Gerard. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: EDUNESP, 1995. p. 262 – 306.

CHAUI, Marilena. Público, privado, despotismo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Ética**. São Paulo: Secretária Municipal de Cultura: Companhia das Letras, 1992. p. 345 – 390.

SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. Código de Ética da SAB. Aprovado em assembléia geral no ano de 1997.

MILLER JR., Tom Oliver. **O método científico e os seus desafios**: epistemologia e ética nas ciências antropológicas. Natal: EDUFRRN, 1990. p. 51 – 72.

LIMA, Tânia Andrade (Org.). Condutas éticas e responsabilidades introduzidas pela arqueologia de contrato. **Atas do Simpósio A Arqueologia no Meio Empresarial**. Goiânia: SAB/IGPA/UCG, 28 a 31 de agosto de 2000. p. 55 – 98.

_____. Restos humanos e arqueologia histórica: uma questão de ética. **Historical Archaeology in Latin America**, n. 5. Columbia: The University of South Carolina, p. 1 – 17. 1994.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Complementar:

DASCAL, Marcelo. Diversidad cultural y práctica educacional. In: OLIVÉ, Leon (Ed.). **Ética y diversidad cultural**. Santafé de Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 1997. p. 229 – 252.

EMBERLING, Geoff. Archaeologists and the military in Iraq, 2003 – 2008: compromise or contribution? **Archaeologies**. World Archaeological Congress. v. 4, n. 3, December 2008. p. 445 – 459.

LINOTT, Mark J. Ethical principals and archaeological practice: development of an ethics policy. **American Antiquity**, v. 62, n. 4, 1997. p. 589 – 599.

MARQUES, Marcélia. La multivocalidad: cultos cristianos y arte rupestre. Rupestre. Disponível em: <<http://www.rupestreweb.info/multivocalidad.html>> Acesso em: 07/03/2010.

RICHARDSON III, James B.. Recuperando el Peru precolombino: investigación arqueológica versus tesoro, saqueo y botín. **Revista de Arqueología Americana**, n. 20, p. 31 – 50, enero –

diciembre, 2001.

SCARRE, Chris; SCARRE, Geoffrey (Ed.). **The ethics of archaeology: philosophical perspectives on archaeological practice**. New York: Cambridge University Press, 2006.

SILVA, Margarida do Amaral. A reinvenção de práticas do ver: o arqueólogo como ficção verossímil no cinema. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais/LAV**. Santa Maria/RS, UFSM, v. 2, 2009, p. 1 - 21. (Disponível também em PDF).

SOBREVILLA, David. Ética etnocêntrica y ética universal. In: OLIVÉ, Leon (Ed.). **Ética y diversidad cultural**. Santafé de Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 1997. p. 59 – 70.

SMITH, Robert Houston. Ethics in field archaeology. **Journal of field archaeology**, v. 1, p. 375 – 383, 1974.

VILLORO, Luis. Aproximaciones a una ética de la cultura. In: OLIVÉ, Leon (Ed.). **Ética y diversidad cultural**. Santafé de Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 1997. p. 131 – 154.

Disciplina: Tópicos em Zooarqueologia	Código 270011	Bloco 3
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
Ementa: Definição de alguns termos. Histórico de zoologia. Arqueozoologia. Determinação e biometria. Anatomia comparada. A Arqueozoologia quantitativa. A tafonomia. Reconstrução de paleoambientes e paleoclimas.		
Bibliografia: <u>Básica:</u> ANDRADE, L. T. Zooarqueologia : considerações teórico-metodológicas. Dédalo. São Paulo, 1989. LYMAN, R. L.; CANNON, K. C. Zooarchaeology and conservative biology . Salt Lake City: University of Utah Press. 2004. REITZ, E. J.; WING, E. S. Zooarchaeology . Cambridge: Cambridge University Press, 1999. (Cambridge Manuals in Archaeology). ROMER, A. S.; PARSONS, T. S. Anatomia Comparada dos Vertebrados . São Paulo. Atheneu, 1985. RUPPERT, E. F.; BARNES, D. Zoologia dos Invertebrados . 7. ed. São Paulo: Roca, 2005.		
<u>Complementar:</u> SOBOLICK, K. D. Archaeobiology . California: Alta Mira Press, 2003 (Archaeologist's Toolkit 5) DAVIS, S. J. M. The archaeology of animals . London, New Haven: Yale University Press. 1987. HUDSON, J. From bones to behavior : ethnoarchaeological and experimental contributions to the interpretation of faunal remains. Southern Illinois University at Carbondale, Center for Archaeological Investigations, 1993.		

Disciplina: Arqueologia americana	Código 270017	Bloco 3
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Correntes teóricas sobre a colonização da América na pré-história. Periodização da pré-história na América. Os sítios do período paleoíndio. Os vestígios dos povos pré-colombianos no Sudoeste e nas planícies americanas. Os tacs culturais das civilizações mexicanas e América Central. Os restos culturais das altas civilizações andinas.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u></p> <p>BINFORD, Lewis R. En busca del pasado. Barcelona: Crítica, 1994.</p> <p>COMAS, Juan. Origen de las culturas precolombinas. México: SEP Diana, 1980.</p> <p>DAVIES, Nigel. Los antiguos reinos del Peru. Barcelona: Crítica, 1998.</p> <p>FUMDHAMENTOS – Revista da Fundação Museu do Homem Americano. São Raimundo Nonato (Piauí): Anais da Conferência Internacional sobre o povoamento das Américas, 1996.</p> <p>LAMING-EMPERAIRE, A. Le problème des origines américaines: théories, hypothèses, documents. Paris: CNRS, 1980.</p> <p>MÉTRAUX, Alfred. Los Incas. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 1989.</p> <p>PRIETO, A. Las civilizaciones precolombinas y su conquista. Havana: Gente Nueva, 1985.</p> <p>SAUNDERS, Nicholas J. Américas antigas: as grandes civilizações. São Paulo: Madras, 2005.</p>		
<p><u>Complementar:</u></p> <p>FIEDEL, Stuart J. Prehistoria de América. Barcelona: Crítica, 1996.</p> <p>FLANNERY, Kent V. The early mesoamerican village. Nova York: Academic Press, 1976.</p> <p>GAMBIER, Mariano. La Cultura de Ansilta. San Juan: Universidad Nacional de S. Juan, 1977.</p> <p>GENDROP, P. A civilização maia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.</p> <p>FUNARI, Pedro Paulo A. Arqueologia. São Paulo: Ática, 1988.</p> <p>GUIDON, N. Reflexões sobre o povoamento da América. Dédalo, São Paulo, MAE/USP, 1984.</p> <p>MEGGERS, Betty. América Pré-histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.</p> <p>RENFREW, Colin & BAHN, Paul. Arqueologia: teoria, métodos y práctica. Madri: Akal, 1993.</p> <p>SANDERS, E; MARINO, S. Pré-história do Novo Mundo. Rio De Janeiro: Zahar, 1971.</p> <p>SILVA, O. Pré-história da América. Santiago de Chile, Col. Imagem de America Latina, 1971.</p> <p>STIERLING, H. Le monde de l'Amérique Pré Colombienne. Lausanne: Editions Princesse, 1979.</p> <p>WILLEY, Gordon R. An introduction to american archaeology: South America. v. 2. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1971.</p>		

Disciplina: Seminário III: Legislação do Patrimônio Cultural	Código 270018	Bloco 4
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 1.0.0	Carga Horária 15 h
<p>Ementa:</p> <p>Principais aspectos da legislação brasileira de preservação do patrimônio cultural em geral, e, do patrimônio arqueológico em particular. Os efeitos do tombamento e outros instrumentos legais sobre o patrimônio arqueológico. Diretrizes e normas internacionais. Gerenciamento do patrimônio arqueológico do Piauí.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> BASTOS, Rossano Lopes; TEIXEIRA, Adriana. Normas e gerenciamento do patrimônio arqueológico. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2005. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado, 1988. BRASIL. Legislação Patrimonial. (Leis, Decretos-Lei, Portarias IPHAN). CURRY, Isabelle (org.). Cartas patrimoniais. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Coletânea de leis sobre preservação do patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.</p>		
<p><u>Complementar:</u> BASTOS, Rossano Lopes. Representações sociais, patrimônio arqueológico e arqueologia pública. In: OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures de. Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira: São João Nepomuceno, Juiz de Fora: Editar, 2004. p. 19-30. CHOAY, Françoise. A alegria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001. FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ: IPHAN, 1997. MINC/IPHAN. Métodos arqueológicos e gerenciamento de bens culturais. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. Bens culturais e proteção jurídica. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1997.</p>		
Disciplina: Arqueologia Brasileira	Código 270019	Bloco 4
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>A ocupação pré-histórica no Brasil: Os sítios mais antigos. As culturas amazônicas. Os povos dos sambaquis. Os ocupantes das dunas. Os “habitantes das cavernas” (abrigos sob rocha). Os construtores das casas subterrâneas. As tradições culturais ceramistas. As tradições de arte rupestre. As tradições dos artefatos de pedra.</p>		
<p>Bibliografia:</p>		

Básica:

FUMDHAMENTOS I – Revista da Fundação Museu do Homem Americano. **São Raimundo Nonato (Piauí)**: Anais da Conferência Internacional sobre o povoamento das Américas, 1996.

MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 5. ed. Recife: UFPE, 2008.

PEREIRA, Edithe. **A arte rupestre na Amazônia - Pará**. Belém: M. P. Emilio Goeldi; São Paulo: UNESP, 2003.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UnB, 1992.

Complementar:

ANAIS do Primeiro Simpósio de Pré-História do Nordeste (1987). **Revista CLIO, Recife, UFPE**, n. 4, 1991. (Série Arqueológica).

ANDRADE LIMA, Tânia. Nos mares do sul: a pré-história do litoral centro-meridional brasileiro. In: Banco do Brasil. **Antes – Histórias da Pré-História**. Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004, p. 44-67. (Litoral).

BANDEIRA, A. M. **Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense**: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís-Maranhão. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia - USP, 2008.

ETCHEVARNE, Carlos. **Escrito na pedra**. Cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia. Rio de Janeiro: Versal, Odebrecht, 2007.

GÓES NEVES, Eduardo. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. (Descobrimos o Brasil).

TENÓRIO, Maria Cristina (org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. p. 205-221.

BANCO DO BRASIL. **Histórias da Pré-História**. Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004.

<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>

<http://www.teses.usp.br/>

<http://www.sapientia.pucsp.br/>

<http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/biblioteca/Capa/BCEPesquisa/BCETesesDiss>

http://fenix2.ufrj.br:8991/F?func=find-b-0&local_base=tdufrj

Disciplina: História dos Índios no Brasil	Código 270020	Bloco 4
Centro de Ciências da Natureza – CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
Ementa: Os povos que habitavam o continente americano – cultura, organização social, herança e tradições, nações e etnias; o encontro com outras culturas exógenas dos colonizadores; as guerras de extermínio e a resistência nativa; a relação com os missionários religiosos; leitura das crônicas, cartas, narrativas do século XVI; a questão da civilização e barbárie.		
Bibliografia:		
<u>Básica:</u>		

BARTH, Frederick. Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: LASK, Tomke (Org.). **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 25-67.

BOCCARA, Guillaume. Antropologia diacrônica: dinâmicas culturais, procesos históricos y poder político. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, BAC, 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/document589.html>> Acesso em: 10 fev 2007.

CUNHA, Manoela Carneiro. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. p. 253-266.

_____. Imagens de índios no Brasil: o século XVI. Estudos avançados, São Paulo, v.4, n.10, 1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-10141990000300005&lng=en&nrm=iso>.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. In: NOVAES, Adauto. (Org.). **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 23-31.

MEDEIROS, Ricardo Pinto. Povos indígenas do sertão nordestino no período colonial: descobrimentos, alianças, resistências e encobrimento. FUNDHAMENTOS. Publicação da Fundação Museu do Homem Americano. São Raimundo Nonato (PI), v.1, n. 2, p. 09-52, 2002.

MONTEIRO, John M. As “castas de gentio” na América Portuguesa quinhentista: unidade, diversidade e a invenção dos índios no Brasil. In: _____. **Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo**. Campinas: UNICAMP, 2001. cap. 1, p.12-35. (Tese de livre docência digitada). Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/TupiTapuia.pdf>>

_____. Os índios na história do Brasil: informações, estudos, imagens. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br>>.

POMPEU SOBRINHO, Thomas. Os tapuias do Nordeste e a monografia de Elias Herckmans. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, ano XLVIII, t. XLVIII, p. 7-28, 1934.

YANOMAMI, Davi Kopenawa; ALBERT, Bruce. Descobrimos os brancos. In: NOVAES, Adauto (org.). **A outra margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 15-21.

Complementar:

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Os índios aldeados: histórias e identidades em construção**. Tempo, Rio de Janeiro, n. 12, p. 51-71, dez. 2001.

_____. **Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

BORGES, Jóina Freitas. **A história negada: em busca de novos caminhos**. Teresina: FUNDAPI, 2004.

_____. **Sob os areais: arqueologia, história e memória**. Teresina: UFPI, 2006. 229 p. (Dissertação de mestrado digitada).

GADELHA, Regina Maria A. Fonseca. Conquista e ocupação da Amazônia: a fronteira Norte do Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.16, n.45, mai./ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200005>.

PORRO, Antonio. **O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SILVA, Jacionira C. **A arqueologia no médio São Francisco**. Indígenas, vaqueiros e missionários. Tese de Doutorado. Recife: PPGH-UFPE, 2003.

WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. In _____: **Economia e sociedade**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991. p. 267-277.

WRIGHT, Robin M. História indígena do noroeste da Amazônia: hipóteses, questões e perspectivas. In: LERY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. p. 205-222.

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Martin Claret, 2007. (Coleção A Obra-Prima de Cada Autor).

Disciplina: Geomorfologia	Código 270021	Bloco 4
Centro de Ciências da Natureza – CCN	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Objeto e campo da Geomorfologia. Relação da Geomorfologia com as Geociências. Ciência geomorfológica. Formas de relevo. Fatores exógenos do relevo terrestre. Cartografia geomorfológica. Gestão e impactos.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u></p> <p>CASSETI, V. Elementos de Geomorfologia. Goiânia: Editora da UFG, 1994.</p> <p>CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia. São Paulo: Edgard Blücher, 1974.</p> <p>GUERRA, A. J. T.; CUNHA, S. B. da (Org). Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.</p> <p>GUERRA, A. J. T.; BATISTA, Sandra da Cunha. (Org.). Geomorfologia e meio ambiente. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1996.</p> <p>SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia, Física e Geomorfologia: uma (re)leitura. Ijuí/RS: Editora Unijuí, 2002, 112p. (Coleção Ciências Sociais).</p>		
<p><u>Complementar:</u></p> <p>PENTEADO, M. M. Fundamentos de Geomorfologia. Rio de Janeiro IBGE, 1994. 113p.</p> <p>ROSS, J. L. S. Relevo brasileiro: Uma nova proposta de classificação. Revista do Departamento de Geografia, São Paulo, FFLCH/USP, n. 4, 253p.</p> <p>ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. Geomorfologia Ambiente e Planejamento. 7. Ed. [São Paulo]: Ed. Contexto, 2003. 87p.</p> <p>DAVIDSON, D. A. Geomorphology and archaeology. Archaeological Geology. London, 1985.</p> <p>GEOUSP. São Paulo, USP. Disponível em: < http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/geousp/index.htm>.</p>		

Disciplina: Técnicas de Laboratório em Arqueologia	Código 270022	Bloco 4
Centro de Ciências da Natureza – CCN	Créditos 1.3.0	Carga Horária 60 h

Ementa:

Tratamento do material arqueológico: limpeza, identificação e registro. Acondicionamento do material para reserva técnica e apresentação em exposição. Análise do material arqueológico. Procedimentos para material lítico, cerâmico, ósseo, têxteis. Tratamento, identificação e acondicionamento de fotografias (filme). Tratamento e acondicionamento do material gráfico (desenhos) e cartográfico. Sistema de registro do material visual e cartográfico em ambiente eletrônico (geoprocessamento).

Bibliografia:

Básica:

ALÇADA, Margarida. Documentar para preservar. **Práxis Archaeologica**, Lisboa: Associação Profissional de Arqueólogos, n.2, 2007.

MARTINS, Dilamar Cândida et. al.. Gestão e tratamento do acervo arqueológico: rta – salas Judite Ivanir Breda. **Revista de Arqueologia**, São Paulo: SAB, v. 14/15, 2001 – 2002.

MARTINS, Dilamar Candida; BREDÁ, Judite Ivanir. Pa-salv-cb: divulgação museal. **Revista de Arqueologia**, São Paulo: SAB. v. 14/15. 2001 – 2002.

MATOS, Alexandre. Da escavação ao museu: caminhos da informação. **Práxis Archaeologica**, Lisboa: Associação Profissional de Arqueólogos, n. 2, 2007.

DUNNEL, Robert C. **Classificação em Arqueologia**. São Paulo: EDUSP, 2006. p. 149 – 216.

SILVA, Fabíola Andréa. As tecnologias e seus significados. **CANINDÉ: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, Aracaju: UFS, n. 2, dezembro, 2002.

Complementar:

ANDREFSKY JR., William (Ed.). **Lithic Debitage: context, form, meaning**. Salt Lake City: University of Utah Press, 2001.

ANDREFSKY JR., William. **Lithics: macroscopic approaches to analysis**. New York: Cambridge University Press, 1998.

BAGOT, Françoise. **El dibujo arqueológico: La cerâmica: normas para la representación de las formas y decoraciones de las vasijas**. Cidade do México: Centro Francés de Estudios Mexicanos y Centroamericanos, 2003.

BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de arqueologia pré-histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BOTTALLO, Marilúcia. A gestão documental do patrimônio arqueológico e etnográfico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo: EDUSP, n. 6, 1996.

BRUNO, Maria Cristina O. Bruno. Musealização da arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. **Cadernos de sociomuseologia**, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, n. 17, 1999.

BUENO, Lucas; ISNARDIS, Andrei (Org.). **Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira**. Belo Horizonte - MG: Argvmentvm; FAPEMIG; Brasília-DF: CAPES, 2007.

SEMINÁRIO de ensino e pesquisas em sítios cerâmicos. Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica. **Manuais de Arqueologia**, Paraná: UFP/CEPA, n. 1, 1966.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. **Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul**. Curitiba: EDUFPR, 1967.

PROUS, André, et. al.. Os machados pré-históricos no Brasil – descrição de coleções brasileiras e trabalhos experimentais: fabricação de lâminas, cabos, encabamentos e utilização. **CANINDÉ: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, Aracaju, UFS, n. 2,

dezembro, 2002.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Bebidas, panacéias, garrafas e copos: a amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves. **Revista de Arqueologia**, São Paulo: SAB, v. 11, 1998.

TOCCHETTO, Fernanda; MEDEIROS, João Gabriel Toledo Medeiros. A louça em lixeiras urbanas: reflexões sobre atributos, datações e consumo em Porto Alegre. **Revista de Arqueologia**, São Paulo: SAB, v. 22, n. 1, 2009.

Disciplina: Arte Rupestre I	Código 270023	Bloco 4
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h
Ementa: Definição de arte rupestre e métodos de estudo. A arte rupestre européia, australiana, americana e brasileira. Os principais sítios e sua distribuição. A classificação proposta para os sítios do Brasil e Piauí.		
Bibliografia: <u>Básica:</u> BAHN, P. Prehistoric Art . Cambridge, Cambridge University Press. 1998 MARTIN, G. Pré-História do Nordeste . 5. ed. Recife, UFPE. 2008. PESSIS, A-M. Imagens da Pré-História . São Paulo: FUMDHAMENTOS/ PETROBRAS. 2003. PROUS, A. Arqueologia Brasileira . Brasília: UnB, 1992. WHITLEY, D. Introduction to Rock Art Research . Walnut Creek, CA: Left Coast Press, Inc. 2005.		
<u>Complementar:</u> BEDNARIK, R. Rock Art Science: the scientific study of paleoart . India: Aryan Books International, 2007. CAMPELO, S. A história nas pedras: os registros rupestres do Centro-Norte do Piauí como forma de conhecimentos das condições de existir dos mais antigos habitantes do Brasil . Teresina: UFPI/UFF, 2007. CAMPELO, S; LAGE, C; SILVA, J. Algumas considerações sobre o potencial arqueológico do Centro—Norte do Piauí. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA – SAB, X, 1999, Recife: UFPE, 1999. Resumos... Recife: UFPE, 1999. CAMPELO, S; CORREIA, A.C.B. Nota prévia sobre o cadastramento de sítios arqueológicos no Piauí. In: SIMPÓSIO DE PRÉ-HISTÓRIA DO NORDESTE BRASILEIRO, 1, 1991, Recife: UFPE. Revista CLIO , n. 4, p. 63-67, 1991. (Série Arqueológica). COMERLATO, F. As representações rupestres do litoral de Santa Catarina. CONGRESSO DA SAB: arqueologia, patrimônio e turismo, XIII, 2005, Campo Grande (MS). Anais... Campo Grande (MS): Ed. Oeste, 2005. CD ROM. CORREIA, A.C. Engraved World: a contextual analysis of engravings and markings in South-Eastern Piaui, Brazil . PhD Thesis. Newcastle University (UK), 2009. FLOOD, J. Rock art of the dreamtime . Sydney: Angus & Robertson, 1997. GASPAR, M. D. A arte rupestre no Brasil . Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003. GUIDON, N. As Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato. Revista		

CLIO, Recife, n. 5, 1988.(Série Arqueológica).

GUIDON, N.; C. Buco. Zone 3: Brésil - Nordeste - Etats du Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte et Paraíba. In: **ICOMOS - World Heritage Convention**. (Org.) Paris, Rock Art of Latin America & the Caribbean, n. 1, p. 122-137, 2006.

LAGE, M.C.S.M. Conservação de sítios de arte rupestre. **Revista do Patrimônio**, IPHAN, n. 33, 2007.

MITHEN, S. O big bang da cultura humana: as origens da arte e religião. In: MITHEN, S. **A Pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MORALES JR., R. **The Nordeste Tradition: innovation and continuity in Brazilian Rock Art**. PhD Dissertation, Virginia Commonwealth University. 2002.

MORALES JR., R. Considerations on the art and aesthetics of the rock art. In: HEYD, T.; CLEGG, J. (ed.) **Aesthetics and rock art**. Aldeshot: Ashgate, 2005a.

MORALES JR., R. The angelim style and Northeast Brazilian Rock Art. In: HUANG, J.; CULLEY, E. (ed.) **Making Marks: graduate studies in rock art research at the new millennium**. American Rock Art Association, 2005b.

Disciplina: Seminário IV: Legislação Ambiental	Código 270024	Bloco 5
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 1.0.0	Carga Horária 15 h
<p>Ementa:</p> <p>Aspectos jurídicos da poluição. Impacto, dano, culpa, responsabilidade e indenização. Provas e avaliações. Planejamento jurídico ambiental, participação e decisões. Processos e legislação brasileira e internacional. O órgão de preservação federal e sua estrutura atual: promoção, proteção e conservação, identificação e documentação.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u></p> <p>Constituição da República Federativa do Brasil (1998). 9. ed. São Paulo: Saraiva, 1994.</p> <p>MMA - CONAMA – Resoluções do CONAMA (anos diversos).</p> <p>MMA – Lei dos crimes ambientais – Brasília, 1999.</p> <p>MMA - Manual para valorização econômica de recursos ambientais. Brasília-DF, 1998.</p> <p>MMA/IBAMA/GTZ – Roteiro metodológico para planejamento de VC's de uso direto.</p> <p>MMA-IBAMA - Direito do Meio Ambiente e participação popular – Brasília-DF, 1996.</p> <p>MMA-IBAMA - Parques Nacionais - Brasil - Empresa das Artes - 1997.</p> <p>MMA-IBAMA - Plano de gestão ambiental e sócio-econômico da APA do delta do Parnaíba - Inst. de estudos e pesquisas sociais da VECE - IEPS – 1998.</p> <p>MMA-IBAMA - possibilidades alternativas para o gerenciamento das v.c.s. - Brasília-DF, 1993.</p> <p>FAO - PNUMA. Sistemas Nacionales De Áreas Silvestres Protegidas En América Latina, 1988.</p> <p>Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais - CEPRO. Diagnóstico das Condições Ambientais do Estado do Piauí. Teresina, 1985.</p>		

IBAMA - **Unidades de conservação do Brasil**. Brasília-DF, 1989.
SILVA, Lauro Leal da. **Ecologia**: manejo de áreas silvestres.

Complementar:

FUMDHAM-IBAMA-MMA – **Plano de manejo do Parna Serra da Capivara**, 1991.

GELSI BIDART, Adolfo – **Derecho agrário y ambiente**. Estudio del derecho agrario, volumen 4. Fundación de cultura universitária. URUGUAY- 1994.

INFORME DEL TALLER INTERNACIONAL sobre políticas de turismo em parques nacionales y otras áreas protegidas FAO - VENEZUELA - 1992.

INTERNET - www.ibama.gov.br, www.piemtur.com.br.

JAMES JACKSON - GRIFFITH - **Participação Pública no Planejamento de Parques e Reservas** - Viçosa/MG-1992.

JAMES JACKSON GRIFFITH - **O Processo de Planejamento de Parques e Reservas Viçosa** - MG – 1992.

JUTTA - GUTBERLET - **Desenvolvimento Desigual**: Impasses para a Sustentabilidade - Fundação Konrad - Adenaver, 1998.

LEME MACHADO, P. A. **Direito Ambiental Brasileiro**. 4. ed. Malheiro Editores Ltda. São Paulo, 1992.

LUDWIG SCHWENNHAGEN - **Fenícios no Brasil** - Tratado histórico 4ª edição - Rio de Janeiro-1986.

MMA-IBAMA - **Introdução a Economia do Meio Ambiente** - Brasília-DF - 1996.

MILLER, K. R. **Planificación de parques nacionales para el ecodesarrollo en Latinoamérica**. Fundación para la ecología y la protección del medio ambiente - Fepma. Editorial Julio Sato. España, 1980.

Ministério do Meio Ambiente dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA - Superintendência estadual do Piauí - **“Proposta de criação do Parque Nacional da Serra das Confusões, relatório técnico de expedição**. Teresina-Piauí, agosto de 1997.

Disciplina: Paleontologia Geral	Código 270025	Bloco 5
Centro de Ciências da Natureza – CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
Ementa: Introdução À Paleontologia. Fossilização. Coleta e Preparo de Material Fossilífero. Estromatólitos. Morfologia, Taxonomia, Ecologia, Estratigrafia e Ocorrências de: Dinoflagelados, Acritarcas, Diatomáceas, Nanofósseis Calcários, Clorofíceas, Ostracodes, Radiolários, Foraminíferos, Poríferos, Celenterados, Briozoários, Braquiópodos, Moluscos, Artrópodos Equinodermas. Introdução à Paleontologia de Vertebrados. Introdução à Paleobotânica.		
Bibliografia:		
<u>Básica:</u>		

CARVALHO, I. S. (Ed.) **Paleontologia**. Rio de Janeiro: Ed. Interciência, 2000.

FUTUYMA, D. **Biologia Evolutiva**. 2. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética/CNPq, 1996.

GOULD, S. J. - Vida Maravilhosa: **O Acaso na Evolução e a Natureza da História**. São. Paulo: Schwarz, 1990.

HOLZ, M.; SIMÕES, M.G. **Elementos fundamentais de tafonomia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

LABOURIAU-SALGADO, M. L. **História Ecológica da Terra**. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 1994.

MENDES, J. C. **Elementos de Estratigrafia**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984

PAULA-COUTO, C. **Tratado de Paleomastozoologia**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1979.

MENDES, J. C. **Paleontologia Básica**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1988.

Complementar:

AGASHE, S. N. **Paleobotany**: plants of the past: their evolution, paleoenvironment and application in exploration of fossil fuels. Enfield: Science Publishers, 1997.

BRIGGS, D.E. & CROWTER, P.R. **Palaeobiology**: a synthesis. Cambridge: Backwell, 1990.

BEHRENSMEYER, A. K. Et al. **Terrestrial ecosystems through time**. Chicago: University of Chicago, 1992.

BENTON, M. J. **Vertebrate Paleontology** - biology and evolution. Bristol: Haper Collins, 1991.

BOARDMAN, R.S. et al. **Fossil invertebrates**. Oxford: Blackwell. 1987.

BRIGGS, J.C. **Biogeography and plate tectonics**. Amsterdam: Elsevier Science, 1987.

BRUM, G.; MCKANE, L.; KARP, G. **Biology exploring life**. New York: John Wiley & Sons, 1994.

Disciplina: História do Piauí	Código 270026	Bloco 5
Centro de Ciências da Natureza – CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>O processo de colonização do Piauí. A formação da sociedade piauiense. O processo de independência do Piauí. Tópicos sobre a nova historiografia piauiense.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u></p> <p>BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. O feudo. A casa da Torre de Garcia d'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.</p> <p>BAPTISTA, João Gabriel. Etnohistória indígena piauiense. 2. ed. Teresina: EDUFPI, APL, FUNDAC, 2009. (Grandes Textos, v. 2).</p> <p>BARBOSA, Edson; SILVA, Lina Pereira da. Casa grande de São Domingos. Teresina: EDUFPI, 1984.</p>		

BORGES, Jóina F. **História negada**. Teresina: APL, 2002.
 MOTT, Luiz R. B. Piauí Colonial. **População, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.
 NUNES, Odilon. **Os primeiros currais**. Teresina: Comepi, 1972. (Monografias do Piauí, série histórica).

Complementar:

ARAÚJO, José Luis Lopes (Coord). Atlas Escolar Piauí Geohistórico e Cultural. Teresina, João Pessoa: Grafset, 2006.
 ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de; EUGÊNIO, João Kennedy. (Org.). **Gente de longe: histórias e memórias**. Teresina: Halley, 2006.
 BARROS, Jesualdo Cavalcanti. **Dicionário Enciclopédico do Gurguéia**. Teresina: Halley, 2008.

Disciplina: Arte Rupestre II	Código 270027	Bloco 5
Centro de Ciências da Natureza – CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h

Ementa:

Origem da palavra semiótica. Linhas da semiótica: americana, francesa e russa. Arquitetura filosófica peirceana. Semiótica greimasiana ou de linha francesa: noção de texto, percurso gerativo do sentido, além do percurso gerativo. Análise de textos visuais.

Bibliografia:

Básica:

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 3. ed. São Paulo: Ática 1997.
 BARROS, Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (Org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Universidade de São Paulo, EDUSP, 1994.
 FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
 _____. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996.
 NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo: ANNABLUME, 1996. (Coleção E: 5)
 SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Complementar:

BAHN, P. **Prehistoric Art**. Cambridge, Cambridge University Press. 1998.
 CAMPELO, S. **A história nas pedras: os registros rupestres do Centro-Norte do Piauí como forma de conhecimentos das condições de existir dos mais antigos habitantes do Brasil**. Teresina: UFPI/UFF, 2007.
 CAMPELO, S; LAGE, C; SILVA, J. Algumas considerações sobre o potencial arqueológico do Centro—Norte do Piauí. Comunicações (Resumos). **X REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA – SAB**, Recife: UFPE, 1999.
 CAMPELO, S; CORREIA, A.C.B. Nota prévia sobre o cadastramento de sítios arqueológicos no Piauí. **CLIO. Série Arqueológica**, nº 4, ANAIS DO I SIMPÓSIO DE PRÉ-HISTÓRIA DO

NORDESTE BRASILEIRO, Recife: UFPE, p. 63-67, 1991.

COMERLATO, F. As representações rupestres do litoral de Santa Catarina. **ANAIS XIII CONGRESSO DA SAB: arqueologia, patrimônio e turismo.** Campo Grande (MS): Ed. Oeste. CD ROM. 2005.

CORREIA, A.C. **Engraved World: a contextual analysis of engravings and markings in South-Eastern Piauí, Brazil.** PhD Thesis. Newcastle University (UK), 2009.

FLOOD, J. **Rock art of the dreamtime.** Sydney: Angus & Robertson. 1997.

GASPAR, M. D. **A arte rupestre no Brasil.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

GUIDON, N.; C. Buco. Zone 3: Brésil - Nordeste - Etats du Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte et Paraíba. In: **Icomos - World Heritage Convention. (Org.) Rock Art of Latin America & the Caribbean.** Paris. 1: 122-137. 2006.

LAGE, M.C.S.M. Conservação de sítios de arte rupestre. **Revista do Patrimônio.** IPHAN, n. 33, 2007.

MITHEN, S. O big bang da cultura humana: as origens da arte e religião. In: MITHEN, S. **A Pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MORALES JR. R. **The Nordeste tradition: innovation and continuity in Brazilian Rock Art.** PhD Dissertation, Virginia Commonwealth University. 2002.

MORALES JR. R. Considerations on the Art and Aesthetics of the Rock Art. In: T. Heyd and J. Clegg (ed.) **Aesthetics and Rock Art.** Aldeshot: Ashgate. 2005a.

MORALES JR. R. 'The Angelim Style and Northeast Brazilian Rock Art'. In J. Huang and E. Culley (ed.) **Making Marks: graduate studies in rock art research at the new millennium.** American Rock Art Association. 2005b.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira.** Brasília: UnB, 1992.

Disciplina: Anatomia Humana - Arqueologia	Código 111175	Bloco 5
Centro de Ciências da Saúde - CCS	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Estudo descritivo, teórico-prático e correlativo dos dispositivos constitucionais e dos mecanismos funcionais do Aparelho Locomotor. Conceitos, divisões, sistematizações, classificações e nomenclaturas, procurando uniformizar os métodos de estudo e o significado dos termos anatômicos. Estudo introdutório sobre Osteologia, Artrologia e Miologia.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> DANGELO, J. C.; FANTINI, C. A. Anatomia Humana: sistêmica e segmentar. Rio de Janeiro: Atheneu, 1988. DIDIO, L. J. Tratado de Anatomia Aplicada. 1. ed. São Paulo: Póluss Editorias, 2000. GARDENER, E. et. al. Anatomia: Estudo Regional do Corpo Humano. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985. MONTE FILHO, Manoel C. Anatomia Humana: estudo prático. [s.n.]: [s.l.] (PI), 2007. NETTER, Frank. H. Atlas de Anatomia Humana. 3. ed. Trad. de Jacques Vissoky e Eduardo</p>		

Cotecchia Ribeiro. Porto Alegre: Artemed, 2003.
 YOKOCHI, Chichiro; LÜTJEN-DRECOLL, Eike; ROHEN, Johannes W. **Anatomia Humana: Atlas fotográfico de anatomia sistêmica e regional**. 5. Ed. São Paulo: Manole Ltda., 2002.
 WOLF-HEIDEGGER, G. **Atlas de Anatomia Humana**. Trad. Sob supervisão e Hécio Werneck. 6. ed. Rio e Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Complementar:

AFONSO, J. Notas de apoio às aulas práticas de Osteologia da disciplina de Anatomia (texto elaborado para a disciplina anatomia I do curso de licenciatura em Medicina Veterinária a Faculdade de medicina Veterinária da Universidade de Lisboa)
 SOBOTA, J.; BECHER, H. **Atlas de Anatomia humana**. 22. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
 VAN DE GRAAFF, Kent M. **Anatomia humana**. 6 ed. São Paulo: Manole Ltda., 2003.
 DYCE, K. N.; SACK, W. O.; WENSING, C.J.G. **Textbook of Veterinary Anatomy**. Philadelphia, Pennsylvania (USA): W.B.Saunders, 1996.
 SCHALLER, O. **Illustrated veterinary anatomical nomenclature**. Stuttgart: Ferdinande Enke verla, 1992.
 SISSON, S.; GROSSMAN, J. M. **Anatomia dos animais domésticos**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.

Disciplina: Monografia I	Código 270029	Bloco 5
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa: Planejamento da pesquisa. Técnicas de pesquisa. Coleta de dados. Problemas e hipóteses. O lugar da teoria. Variáveis. A pesquisa bibliográfica e documental.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> BARAAS, Robert. Os cientistas precisam escrever: guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979. BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide. Fundamentos da metodologia científica: um guia para a iniciação científica. 3. ed. ampl. São Paulo: Makron Books, 2007. GRANJA, Elza Corrêa et.al. Normalização de referências bibliográficas: manual de orientação. 3. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1997. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 2001. SALOMON, Délcio Vieira. Como fazer uma monografia. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.</p>		
<p><u>Complementar:</u> CERVO, Amado Luiz. Metodologia do trabalho científico. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.</p>		

LUCKESI, Cipriano et.al. **Fazer Universidade: uma proposta metodológica**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
 SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

Disciplina: Técnicas de Levantamento de Sítios Arqueológicos e da Cultura Imaterial	Código 270030	Bloco 6
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 1.1.0	Carga Horária 30 h
<p>Ementa: O cadastro nacional de sítios arqueológicos do IPHAN. Técnicas de registro de dados e geração de relatórios.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> CASTRO, M. L. V. de. Patrimônio imaterial no Brasil: Legislação e Políticas Estaduais. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008. KNIPIS, R. O uso de modelos preditivos para diagnosticar recursos arqueológicos em áreas a serem afetadas por empreendimentos de impacto ambiental. In: Caldarelli, S. (Org.). Atas do Simpósio sobre Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural. Goiânia, 1996. MINC/IPHAN. Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico Brasileiro: Manual de preenchimento. (34 p. digitadas). MINC/IPHAN. Métodos arqueológicos e gerenciamento de bens culturais. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994. NAP/UFPI/IPHAN-PI. Relatórios de Cadastramento de sítios arqueológicos do estado do Piauí. [s.l.]: [s.n.], s/d (v. 1 a 10).</p>		
<p><u>Complementar:</u> BAHN, P.; RENFREW, C. Archaeology. Theories, Methods and Practice. London: Thames and Hudson, 1994. BURKE, H., SMITH, C. The Archaeologist's Field Handbook. Australia: Allen & Unwin, 2004. CAMPELO, S., EMPERAIRE, L. Toponímia da região sudeste do Piauí. Cadernos de Pesquisa Série Antropologia Teresina (PI), UFPI, v. 4, p. 189-234, 1985. PESSIS A. M. Patrimônio Imaterial e Identidade Histórica. CLIO – Série Arqueologia, Recife: UFPE-PPARQ, n. 20 5-16, 2006.</p>		

Disciplina: Teoria do Trabalho de Campo	Código 270031	Bloco 6
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Conceito de levantamento de sítios arqueológicos. Importância. Objetivos. Normas técnicas e legais para registro de sítios arqueológicos. Procedimentos (tradicionais) em locais pontuais. Adequação dos procedimentos tradicionais a amplas distâncias lineares. Adaptação dos procedimentos tradicionais a amplas distâncias circulares. Levantamento circunstancial.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> DASSIÉ, Jacques. Manuel d'archéologie aérienne, Paris: [s.n.], 1978. HESSE André. La reconnaissance des sites archéologiques à partir de l'échantillonnage des vestiges de surface: problèmes de méthode et exemples. Colloques Internationaux du C.N.R.S, n. 598, p. 513-521, 1981. MOBERG, Carl-Axel. Introdução à Arqueologia. Lisboa: Edições 70, 1981. PELLETIER, André. L' Archéologie et ses méthodes. Paris: Ed. Horvath, 1987.</p>		
<p><u>Complementar:</u> ARAUJO, A. G. M. Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de Caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. Tese de Doutorado. São Paulo: 2001. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação Interdepartamental de Arqueologia. RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueología: teoría, métodos y practica. Madrid: Akal Ediciones, 1993. ZARANKIN, Andrés; ACUTO, Félix A. (Ed). Sed non satiata. Teoria social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporanea. Buenos Aires: Ediciones del Tridente, 1999.</p>		

Disciplina: Anatomia Animal	Código 605205	Bloco 6
Centro de Ciências Agrárias- CCA	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Termos e Nomenclatura Anatômica. Planos, Unidades e Princípios de construção do corpo dos Vertebrados; Tegumento Comum e seus Derivados. Aparelho Locomotor e Biomecânica da Locomoção. Aparelho e Mecânica da Mastigação.</p>		

Bibliografia:

Básica:

AFONSO, J. **Notas de apoio às aulas práticas de Osteologia da disciplina Anatomia I** (texto elaborado para a disciplina Anatomia I do curso de licenciatura em Medicina Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Técnica de Lisboa), 2003.

DYCE, K.M., Sack, W.O. e Wensing, C.J.G. **Text Book of Veterinary Anatomy**. Philadelphia, Pennsylvania, (USA): W.B. Saunders Company, 1996.

MARQUES, P. **Lições de Propedéutica Anatómica**. Lisboa: Faculdade de Medicina Veterinária, 1995.

SCHALLER, O. **Illustrated Veterinary Anatomical Nomenclature**. Stuttgart: Ferdinand Enke Verlag, 1992.

SISSON, S.; GROSSMAN, J. M. **Anatomia dos Animais Domésticos**. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981.

Complementar:

HILDEBRAND, M., GOSLOW, G. E. **Análise da estrutura dos vertebrados**. São Paulo: Atheneu, 1995.

ORR, R. T. **Biologia dos vertebrados**. 5. ed. São Paulo: Roca, 1986.

POUGH, F. H.; HEISER, J.B.; McFARLANDE, W. N. **A Vida dos vertebrados**. São Paulo: Atheneu, 1993.

ROMER, A. S.; PARSONS, T. S. **Anatomia Comparada dos Vertebrados**. São Paulo: Atheneu, 1985.

Disciplina: Cartografia	Código 304607	Bloco 6
Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h

Ementa:

O processo de construção da noção de espaço e de tempo. Espaço perceptivo e espaço representativo. Os elementos de um Mapa, Plantas, Cartas e Mapas. Mapas temáticos. A leitura de mapas: mapeador versus leitor.

Bibliografia:

Básica:

DUARTE, P. A. **Fundamentos de Cartografia**. Florianópolis: DAUFSC, 1994.

FITZ, P. R. **Cartografia básica**. 2. ed. Canoas: Unilasalle, 2005.

JOLY, F. A **Cartografia**. Campinas: Papyrus, 1990.

LIBAULT, André. **Geocartografia**. São Paulo, Nacional; EDUSP, 1975.

OLIVEIRA, Ceurio. **Curso de cartografia moderna**. IBGE. Rio de Janeiro, 1988.

Complementar:

DORLING, D., FAIRBAIRN, D. **Mapping ways of representing the world**. Essex: Longman, 1997.

IBGE. **Noções básicas de Cartografia**. Manuais Técnicos em Geociências. No. 8. Rio de Janeiro: FIBGE, 1999.

KAPLAN, E. D. (Ed.). **Understanding GPS: principles and applications**. Boston: Artech, 1996.

KEATES, J. S. **Understanding Maps**. 2. ed. Essex: Longman, 1996.

MUEHRCKE, Phillip C. **Map use: reading, analysis and interpretation**. 4a ed., Madison, JP, 2001.

MARTINELLI, Marcello. **Curso de Cartografia Temática**. São Paulo: Contexto, 1991.

MONICO, J. F. G. **Posicionamento pelo NAVSTAR-GPS: descrição, fundamentos e aplicações**. P. Prudente: Unesp, 1996.

OLIVEIRA, C. de. **Dicionário cartográfico**. 3. ed. Rio de Janeiro: FIBGE, 1987.

ROBINSON, A. H. et al. **Elements of Cartography**. 6. ed. New York: John Wiley & Sons, 1995.

SNYDER, J. P. **Map projections: a working manual**. Washington: USGS, 1994.

THROWER, N. J. W. **Maps & Civilization: Cartography in Culture and Society**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

Disciplina: Arqueologia Histórica	Código 270035	Bloco 6
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h

Ementa:

Arqueologia Histórica - conceito, nomenclatura. Pontos comuns entre a Prospecção Arqueológica e a Arquitetura. A importância dos testemunhos arqueológicos na recuperação do Patrimônio Histórico (do bem tombado). A utilidade da Arqueologia Histórica: o valor didático, a integração comunitária e a reutilização do patrimônio. Exemplo: (bandeirista, colonial e industrial). O conteúdo do sítio histórico - estrutura, funções e testemunhos. O significado da arqueologia dos sítios históricos (no Brasil). Arqueologia industrial na aplicabilidade e desenvolvimento no Estado de São Paulo (fazenda Ipanema, século XVI e Ruínas da Caieira. século XVII). Aplicabilidade dos métodos e técnicas pré-históricas e sua adaptação na escavação dos sítios arqueológicos históricos. O trabalho no terreno, a escavação, o equipamento, o fichário e a análise do material evidenciado. Exemplos de sítios históricos pesquisados no Estado de São Paulo: Tatuapé (século XVII), Itaim - Bibi (século XVIII) e Beco do Pinto (século XIX).

Bibliografia:

Básica:

FUNARI, Pedro P. A. (org.). **Cultura Material e Arqueologia Histórica**. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

HALL, Martin; SILLIMAN, Stephen W. (Eds.). **Historical Archaeology**. [s.l.]: 2006.

LEONE, Mark. P; POTTER JR. Parker B. (Eds.). **Historical Archaeologies of Capitalism**. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 1999.

RENFREW, Colin e BAHN, Paul. **Archaeology: theory, methods and practice**. 5. ed. London: Thames & Hudson, 2008.

ORSER JR. Charles E. **Introducción a la Arqueología Histórica**. Traducción de Andrés Zarankin. Buenos Aires: Asociación Amigos del Instituto Nacional de Antropología, 2000.

Complementar:

- ALBUQUERQUE, Marcos. As escavações arqueológicas no Forte de Orange. ARC - **Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação**. Agência de Estudos e Restauro do Patrimônio – AERPA. Olinda, v.1, n. 2, p. 51-55, 2007. Número dedicado aos trabalhos do III Simpósio de técnicas avançadas em conservação de bens culturais, Olinda, 2006. Disponível em: <http://www.restaurabr.org/arc/arc02pdf/11fortedeorange.pdf> | Acesso em: 16 set. 2008
- BARCELOS, Artur H. F. **Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas: o caso de São João Batista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- BICCA, Briane Elizabeth P.; BICCA, Paulo Renato Silveira (Org.). **Arquitetura na Formação do Brasil**. Brasília: UNESCO, IPHAN, 2008.
- CARVALHO, Aline Vieira de; FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia de gênero e diversidade no contexto brasileiro. In: MORALES, Walter; MOI, Flavia Prado (Org.). **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira**. São Paulo: Annablume; Porto Seguro, BA: Acervo Centro de Referência em Patrimônio e Pesquisa, 2009. p. 261-278.
- DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **Intervenções em Jardins Históricos: manual**. Brasília: IPHAN, 2005.
- FRANCHI, Cleide. **Arqueologia Histórica no Baixo Vale do Ribeira: documentação textual e material**. Revista do MAE. São Paulo, n. 6, p. 379-383, 1996.
- FUNARI, Pedro P. A. **Fontes Arqueológicas**. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKI, Carla B. (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 81-110.
- _____. **Arqueologia e Patrimônio**. Erechim: Habilis, 2007.
- FUNARI, P. P.; ZARANKIN, A.; REIS, J. A. (org.). **Arqueologia da Repressão e da Resistência na América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960-1980)**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.
- GONÇALVES, José Reginaldo dos S. Teorias antropológicas e objetos materiais. In: _____. **Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN, 2007.
- HOBBSAWM, Erick J. **A era do capital, 1847-1857**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- JONES, Siân. Categorias Históricas e a práxis da identidade: a interpretação da etnicidade na arqueologia histórica. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; ORSER JR.; SCHIAVETTO, Solange Nunes. (Org.). **Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. p. 27-43.
- KATINSKY, Júlio Roberto. Sistemas construtivos coloniais. In: VARGAS, Milton (Org.). **História da Técnica no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Centro de Estadual de Educação e Tecnológica Paula Souza, 1994. p. 67-94.
- LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia histórica no Brasil: balanço bibliográfico. **Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material**. n. 1. São Paulo: EDUSP, 1993.
- _. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). **Anais do Museu Paulista**, vol.2, n.1, pp. 87-150, 1994.
- LINHARES, Maria Yedda (org.). **História Geral do Brasil**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.
- MAXIMINO, Eliete Pythagoras Britto. O meio ambiente portuário e a arqueologia histórica industrial - O Caso do Porto de Santos. eGesta - **Revista Eletrônica de Gestão de Negócios**. v. 3, n. 4, out./dez., p. 1-18, 2007. Disponível em: <http://www.unisantos.br/mestrado/gestao/egesta/artigos/161.pdf> Acesso em: 23/05/2010.
- MAYUMI, Lia. **Taipa: canela-preta e concreto**. Estudo sobre o restauro de casas bandeiristas. São Paulo: Romano Guerra, 2008.

MENDONÇA, Helianne de N.; BELTRÃO, Maria da Conceição de Moraes C. Considerações sobre o grês no sítio histórico-arqueológico Jardim das Princesas, Museu Nacional do Rio de Janeiro. **Revista do MAE**, São Paulo, n. 6, p. 141-154, 1996.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. **Arqueologia na cidade do Rio Grande**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2004.

NAJJAR, Rosana. **Arqueologia Histórica**: manual. Brasília: IPHAN, 2005.

NOBRE, Paulo José Lisboa; PEREIRA, Marizo Vitor; RIBEIRO, Isaías da Silva. Un estudio sobre jardines históricos: manifestaciones del paisaje cultural en la ciudad de Natal/RN, Brasil. **APUNTES**. Bogotá, Colombia. vol. 22, núm. 1, Enero-Junio, p. 54-67, 2009.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SILVA, Bruno Sanchez R. da; FRACARO, Laura Candian. Divers. In. Black. Arqueologia de navios negreiros e identidade. **Revista de Arqueologia e História da Arte**. Campinas. Unicamp. N. 11 / Jan./Jun., p. 127-141, 2009.

SILVA, Osvaldo Paulino da. Arqueologia dos Engenhos da Ilha de Santa Catarina. Erechim, RS: Habilis, 2007.

SILVEIRA, Flavio Abreu; CANCELA, Cristina D. (Org.). **Paisagem e Cultura**: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade. Belém: EDUFPA, 2009.

SYMANSKI, Luís Cláudio P.; SOUZA, Marcos André T. de. O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. In: LIMA, Tânia A. (org.) **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 33, p. 215-243, 2007.

_____. Arqueologia Histórica no Brasil: uma revisão dos últimos 20 anos. In: MORALES, Walter; MOI, Flavia Prado (Org.). **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira**. São Paulo: Annablume; Porto Seguro, BA: Acervo – Centro de Referência em Patrimônio e Pesquisa, 2009. p. 279-310.

TOCCHETO, F.; THIESEN, B. A memória fora de nós: a preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. In: LIMA, Tânia A. (org.) **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 33, p. 175-199, 2007.

UNIVERSIDADE do Estado da Bahia. Cento de Estudos Euclides da Cunha. Arqueologia e Reconstituição Ambiental do Parque Estadual de Canudos. UNEB/CEEC. Salvador: UNEB, 2002.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 227-319.

ZANETTINI, Paulo; WICHERS, Camila A. Moraes. A cerâmica de produção local/regional em São Paulo. MORALES, Walter; MOI, Flavia Prado (Org.). **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira**. São Paulo: Annablume; Porto Seguro, BA: Acervo – Centro de Referência em Patrimônio e Pesquisa, 2009. p. 311-334.

ZARANKIN, Andrés; SENATORE, Maria Ximena. **Historias de um Pasado em Blanco**: arqueologia histórica antártica. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2007.

Disciplina: Desenho Técnico do Material Arqueológico	Código 270036	Bloco 6
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Caracterização do desenho arqueológico no contexto do desenho técnico/ilustração científica. Reconstrução gráfica. Documentação. Interpretação. Tipos de desenho arqueológico: Desenho de materiais; Desenho de campo; Desenho cartográfico; Desenho Arqueológico e fotografia. Desenho arqueológico e desenho à vista. Normalização de desenho de materiais não cerâmicos. Normalização do desenho de materiais cerâmicos. Técnicas de desenho e reconstrução gráfica de fragmentos cerâmicos. Cálculo de diâmetro. Orientação. Secção e perfil. Projeção ortogonal. Decoração. Leitura, interpretação e análise crítica de desenho arqueológico publicado.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u></p> <p>Actes de la Table-Ronde de Valbonne: normalisation du dessin en archéologie: le mobilier non céramique, (métal, verre, os, bois et terre Cuite). França: Documents d'Archéologie Méridionale, 2. 1980-1982. Documents d'Archéologie Méridionale, 2, 1980-1982, França.</p> <p>CUNHA, L. Veiga da Cunha. Desenho Técnico. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1974.</p> <p>LIMA, Luis C. F. O desenho como substituto do objecto: Descrição científica nas imagens do desenho de materiais arqueológicos. Dissertação de mestrado, Faculdade de Belas Artes: Universidade do Porto, 2007.</p> <p>MADEIRA J. L. O desenho na Arqueologia. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, 2002.</p> <p>SOUSA, F. Introdução ao desenho arqueológico. Almada: Ed. Núcleo de Arqueologia e História de Almada (Câmara Municipal), 1999.</p>		
<p>Complementar:</p> <p>BAGOT, Françoise. El dibujo arqueológico: la cerámica: normas para la representación de las formas de las vasijas. IFEA – Instituto Francés de estudios Andinos, 2. ed. México, 2005.</p> <p>CARO, Antonio. Ensaio sobre a cerâmica en arqueologia. Lebrija, Sevilha, 2002.</p> <p>FÉRRON, Miguel. El gran libro de la perspectiva. Barcelona: Parramón, 1991.</p>		
Disciplina: Estágio Supervisionado	Código	Bloco 7
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 0.0.14	Carga Horária 210 h
<p>Ementa:</p> <p>Vivências profissionais com os métodos e técnicas associadas ao exercício do trabalho de campo em arqueologia. Experiência profissional com o tratamento do material arqueológico: limpeza, identificação, registro e acondicionamento. Análises tecno-tipológicas e funcionais da cultura material desenvolvidas em laboratório. Exercício da prática profissional</p>		

relacionada à gestão dos bens arqueológicos em instituições públicas, privadas ou em ONGs.

Bibliografia:

Básica:

ALVES, Márcia A. Estudo técnico em cerâmica do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**. n. 4. São Paulo: EDUSP, 1994.

ARAUJO, A. G. M. **Teoria e Método em Arqueologia Regional**: Um Estudo de Caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. Tese de Doutorado. São Paulo: 2001. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação Interdepartamental de Arqueologia.

BASTOS, Rossano Lopes; SOUZA, Marise Campos de; GALLO, Haroldo (Org.). **Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico**. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2005.

BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de Arqueologia Pré-Histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

CHMYZ, Igor (Ed.). **Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica**. Curitiba: CEPA/UFPR, 1966. (Série Manuais de Arqueologia, n. 1).

DE BLASIS, P. A. D.; MORALES, W. F. Analisando sistemas de assentamento em âmbito local: uma experiência com full-coverage survey no Bairro da Serra. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**. v. 5. São Paulo: USP, 1995. p. 125-143.

DUNNEL, Robert C. **Classificação em Arqueologia**. São Paulo: EDUSP, 2006.

ETCHEVARNE, Carlos. A reciclagem da faiança em Salvador. Contextos arqueológicos e tipos de reutilização. **CLIO. Série Arqueológica**. Recife: EDUFPE, n. 16, 2003.

FOGOLARI, Everson Paulo. **Gestão em Projetos de Arqueologia**. Erechim: Habilis, 2009.

JOUKOWSKY, Martha. **A Complete Manual of Field Archaeology**: tools and techniques of field work for archaeologists. New York: Prentice-Hall Press, 1986.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. **Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul**. Curitiba: EDUFPR, 1967.

LIMA, Tânia Andrade (Org.). **Atas do Simpósio A Arqueologia no Meio Empresarial**. Goiânia: SAB/IGPA/UCG, 28 a 31 de agosto de 2000.

NEVES, Walter A. A evolução do levantamento arqueológico na bacia do Alto Guareí, SP. **Revista de Pré-História**. São Paulo: Instituto de Pré-História da USP, v. 6, 1984.

Complementar:

OLIVEIRA, Jorge E. de. Levantamento arqueológico, para fins de diagnóstico de bens pré-históricos, em áreas de implantação de dutovias. In: CALDARELLI, Solange B. **Atas do Simpósio Sobre Política Nacional do Meio Ambiente e Patrimônio Cultural**. Goiânia: UCG – Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia/Fórum Interdisciplinar para o Avanço da Arqueologia, 1997.

PESSIS, Anne-Marie. **Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do Nordeste do Brasil**. CLIO. Série Arqueológica. Recife: UFPE, n. 8, 1992.

REDMAN, C. Multistage Fieldwork and Analytical Techniques. **American Antiquity**. 38 (1), 1973, p. 61-79.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Archaeology**: theories, methods and practice. 5. ed. New York: Thames & Hudson, 2008.

SCHIFFER, Michael B. Archaeological Context and Systemic Context. **American Antiquity**. n. 37, v. 2, (April, 1972), p. 156-165.

SHEPARD, A. **Ceramics for the Archaeologist**. 12. ed. Washington DC: Carnegie Institution of Washington, 1985.

SOUTH, Stanley. **Method and Theory in Historical Archaeology**. London: Academic Press, 1977.

TIXIER, J.; INIZAN, M.L.; ROCHE, H. **Préhistoire de la pierre taillée 1: terminologie et technologie**. Paris: Éditions Cercle de Recherches et d'Etudes Préhistoriques, 1980. 120 p.

WHEELER, Mortimer. **Arqueología de campo**. 3. Reimp. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1995.

Disciplina: Monografia II TCC	Código 270040	Bloco 8
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horaria 60 h
<p>Ementa: Redação da monografia.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> BARAAS, Robert. Os cientistas precisam escrever: guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1979. BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide. Fundamentos da metodologia científica: um guia para a iniciação científica. 3. ed. ampl. São Paulo: Makron Books, 2007. GRANJA, Elza Corrêa et.al. Normalização de referências bibliográficas: manual de orientação. 3ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1997. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 2001. SALOMON, Délcio Vieira. Como fazer uma monografia. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.</p>		
<p><u>Complementar:</u> CERVO, Amado Luiz. Metodologia do trabalho científico. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. LUCKESI, Cipriano et.al. Fazer Universidade: uma proposta metodológica. 18. ed. São Paulo: Cortez, 1998. SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.</p>		

Disciplina: Prática de Conservação de Arte Rupestre	Código 270038	Bloco 8
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 2.6.0	Carga Horária 120 h
<p>Ementa:</p> <p>Práticas de campo de trabalhos de conservação de arte rupestre: levantamento de dados para elaboração de diagnósticos; técnicas de amostragem; intervenções de conservação (limpeza e consolidação de placas rochosas).</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p>Básica:</p> <p>BRUNET, J; VIDAL, P.; VOUVÉ, J. Conservation de l'art rupestre: deux études, glossaire illustré. UNESCO: Études et documents sur le patrimoine culturel, n. 7, 1985.</p> <p>BRUNET, J; DANGAS, I; VIDAL, P. e VOUVÉ, J. La conservation de l'art des cavernes et des abris. Section Française de l'Institut International de Conservation: Champs sur Marne (França), 1990.</p> <p>BRUNET, J. Presentación de la Conservación del arte rupestre prehistorico en Francia. SIARB, Contribuciones al estudio del arte rupestre sudamericano, Bolívia, n. 4, 1995.</p> <p>Comité Dominicano del ICOMOS, Consejo Internacional de Monumentos y Sitios: Carta de Venecia 1964, Normas de Quito 1967, Resolución de Santo Domingo 1974, Santo Domingo, 1994.</p>		
<p><u>Complementar:</u></p> <p>CANEVA, Giulia; SALVADORI, Ornella. La dégradation et La conservation de La Pierre. Paris: UNESCO, n.. 16, 1996.</p> <p>LAGE M. C. S. M. Etude archéométrique de l'art rupestre du sud-est du Piauí – Brésil. Thèse de doctorat, Université de Paris I, 1990.</p> <p>LAGE, M. C. S. M. Conservação de Arte Rupestre. Teresina: Ed. Alinea, 1996,</p> <p>SOLEILHAVOUP, F. L'étude, la dégradation et la protection des peintures rupestres préhistoriques. Exemple du Tassili (Sahara Algérien). Revue Caesar Augusta, p. 115-153, n.. 49 e 50, 1979.</p>		
Disciplina: LIBRAS – Linguagem Brasileira de Sinais	Código	OPTATIVA
Centro de Ciências da Educação - CCE	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Perspectiva cultural e lingüística dos surdos. Língua de sinais enquanto língua dos surdos. Aspectos da organização educacional e cultural dos surdos. Aspectos gramaticais da língua de sinais. Atividades de base para a aprendizagem da língua de sinais para uso no cotidiano ou relacionado ao trabalho docente. Diferentes etapas utilizadas pelo contador de estórias para as crianças surdas. Exploração visual espacial das diferentes narrativas bem como da criação literária surda.</p>		

<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> BRASIL. Decreto 5.626. Lei 10.436 de 2002. Diário Oficial, Brasília, 24 de abril de 2002, p. 23. http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L10.436.htm. Acesso em 15/05/2010. CAPOVILA, Fernando C. e RAPHAEL, W. D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira. 1v. São Paulo: Editora Universitária de São Paulo, 2001. SOUZA, Regina M. de; GOES, Maria C. R. de. O ensino para surdos na escola Inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da incluso. In: SKLIAR, C. <i>Atualidades da Educação Bilingüe para surdos</i>. Porto Alegre: Mediações. 1999. 1V. p. 163-187.</p> <p><u>Complementar:</u> PIAGET, Jean. A Formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho. Imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. 370 p.</p>
--

Disciplina: RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, GÊNERO E DIVERSIDADE	Código	OPTATIVA
Centro de Ciências da Educação - CCE	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Educação e Diversidade Cultural. O racismo, o preconceito e a discriminação racial e suas manifestações no currículo da escola. As diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais. Diferenças de gênero e Diversidade na sala de aula</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u></p> <p>ABRAMOVAY, Miriam; GARCIA, Mary Castro (Coord.). Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade. Brasília-DF: UNESCO; INEP; Observatório de Violências nas Escolas, 2006. 370 p.</p> <p>APPLE, Michael W. Ideologia e currículo. São Paulo: Brasiliense, 1982.</p> <p>BANKS, James A. Multicultural Education characteristics and goals. In: BANKS, James A.; BANKS, Cherry A. McGee. Multicultural Education: issues and perspectives. Third ed. Boston: Allyn & Bacon, 1997. p. 03-31.</p> <p>BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília-DF: Ministério da Educação e do Desporto (MEC), 1996.</p> <p>_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília-DF, 1997.</p> <p>_____. Ministério da Justiça. Relatório do Comitê Nacional para preparação da participação brasileira na III Conferência Mundial das Nações Unidas contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata. Durban, 31 ago./7 set. 2001.</p> <p>_____. Lei n.º 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.</p>		

_____. Ministério da Educação. SEPPIR. INEP. **Diretrizes Curriculares para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana.** Brasília-DF, 2004.

_____. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Ministério da Educação. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006.

_____. Lei n.º 11.645/2008 de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 mar. 2008.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho; TRINDADE, Azoilda Loretto da (Org.). **Ensino Fundamental: orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais.** Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

Complementar:

AQUINO, J. G. (Org.). **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas.** 2ª edição. São Paulo: Summus. 1998.

BHABHA, H. **O local da cultura.** Trad.: Ávila, Myriam e outros. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2001.

GOMES, N. L; SILVA, P. B. G. e (Org). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores.** Belo Horizonte: Autêntica. 2002.

MEYER, D. E. Alguns são mais iguais que os outros: Etnia, raça e nação em ação no currículo escolar. In: **A escola cidadã no contexto da globalização.** 4. ed. Organizador: Silva, Luiz Heron da. São Paulo: Vozes. 2000.

PERRRENOUD, P. **A Pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso.** 2ª edição. Trad.: Schilling, Cláudia. Porto Alegre: Artmed. 2001.

SANTOS, Isabel Aparecida dos Santos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo: repensando nossa escola.** São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 97-114.

Disciplina: Arqueologia e Museus	Código	OPTATIVA
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h

Ementa:

Museus e Arqueologia: uma perspectiva histórica. Musealização de vestígios arqueológicos por meio das coleções ou a partir dos territórios. Musealização da Arqueologia: cultura material, identidades e extroversão do conhecimento.

Bibliografia:

Básica:

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema, São Paulo.** Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, nº 17).

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências**

naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.
 MENSCH, Peter Van. **O objeto de estudo da museologia**. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994.
 SWEIN, Hedley. **An introduction to Museum Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

Complementar:

BITTENCOURT, José Neves. Museu Paraense Emílio Goeldi: uma instituição científica em um museu. **MUSAS**. n. 2. Brasília: IPHAN, 2006.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Arqueologia e antropofagia: a musealização de sítios arqueológicos. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**: Museus: antropofagia da memória e do patrimônio, Brasília: IPHAN, n. 31, 2005.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Arqueologia musealizada: patrimônio cultural e preservação em Fernando de Noronha. Dissertação. São Paulo: 2004. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.

JORGE, Vítor Oliveira. **Arqueologia, patrimônio e cultura**. Lisboa: ED. Instituto Piaget, 2000.

MATOS, Alexandre. Da escavação ao Museu: caminhos da informação. **Práxis Archaeologica**, Lisboa: Associação Profissional de Arqueólogos, n. 2. 2007.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro; DEMARTINI, Célia Maria Cristina; BUSTAMANTE, Alejandra. O aproveitamento científico de coleções arqueológicas: a coleção Tapajônica do MAE/USP. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, EDUSP, n. 6, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Disciplina: Arqueologia e Turismo	Código	OPTATIVA
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>História e conceito de Patrimônio Arqueológico. A legislação referente ao turismo e patrimônio arqueológico no Brasil. Tipos de turismo arqueológico. Normas e técnicas de manejo, interpretação, sinalização e preparo de sítios arqueológicos visando à visitação turística. Exemplos de guias e roteiros turísticos arqueológicos. Riscos e ameaças ao patrimônio cultural oriundo de um turismo não planejado.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u></p> <p>GÔMEZ, M. R. Patrimonio y Turismo. Disponível em < www.naya.org.ar/ >. Capturado em dezembro de 2007.</p> <p>OOSTERBEEK, L. Arqueologia, patrimônio e gestão do território. Erechim, RS: Habilis, 2007.</p> <p>SEPLAN. Plano Diretor de desenvolvimento Turístico Arqueológico do Piauí. Governo do Estado do Piauí, PRODETUR, Banco do Nordeste, 2000.</p> <p>SWARBROOKE, J. Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental. São Paulo: Aleph, 2000.</p>		

TRESSERAS, J. J. **Los Parques Arqueológicos y la apuesta por el desarrollo local y regional a partir del turismo**. Disponível em: <<http://www.fundacioabertis.org>>. Capturado em dezembro de 2007>.

VELOSO, T. P. G.; CAVALCANTI, J. E. A. O turismo em sítios arqueológicos: algumas modalidades de apresentação do patrimônio arqueológico. **Revista de arqueologia**, v. 20, p. 155-168, 2007.

Complementar:

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. **Memória e Patrimônio**. Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ANSARAH, M. G. dos R. (Org.). **Turismo**. Como aprender, como ensinar. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

BENI, M. C. Dimensão e dinâmica de Clusters no desenvolvimento sustentável do Turismo. **Revista Turismo Dimensões e Perspectivas**, Maringá - PR, v. 01, n. 01, p. 9-17, 2001.

_____. **Análise Estrutural do Turismo**. 7. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

COIMBRA, Teresinha de Jesus. **Turismo e desenvolvimento sustentável**: possibilidades para o Projeto de Assentamento Saco de Juazeiro, em São Miguel do Tapuio, Piauí, Brasil. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí, Brasil, 2008.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/MinC-IPHAN, 2004.

FUNARI, Pedro Paulo A. e PINSKY, Jaime. (Org.) **Turismo e patrimônio cultural**. 3.ed. ver. e ampl. com novos textos. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

GIULIANI, Lúcia. Multiculturalismo e Arqueologia da Cidade. **Revista do Departamento do Patrimônio Histórico**, Secretaria Municipal de Cultura/Prefeitura de São Paulo. Ano 2, n.3.

JORGE, Vitor Oliveira. **Arqueologia, Patrimônio e Cultural**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

FILHO, R. C. de OLIVEIRA. **Valoração econômica da atividade ecoturística no Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí. 2007. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Piauí. p. 161.**

MOWFORTH, M. **New Tourism and Sustainability**. London: Routledge, 1998.

RUSCHMANN, Dóris van de Meene. **Turismo e Planejamento Sustentável: A Proteção do meio ambiente**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

Disciplina: Etnoarqueologia	Código	OPTATIVA
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
Ementa: Surgimento e desenvolvimento. As diferentes abordagens teórico-metodológicas. A pesquisa e os campos de estudo. O trabalho de campo e suas especificidades. A analogia etnográfica. As possibilidades e limites da pesquisa etnoarqueológica.		
Bibliografia:		

Básica:

BINFORD, L.R. **Nunamiut Ethnoarchaeology**. New York: Academic Press, 1978.
DAVID, N. e KRAMER, C. **Ethnoarchaeology in Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
HODDER, I. **The Present Past**. New York: Pica Press, 1982.
KENT, S. **Method and Theory for Activity Area Research** (An Ethnoarchaeological Approach). New York, Columbia University Press, 1987.
WYLIE, A. The reaction against analogy. In: SCHIFFER, M.B. (ed.). **Advances in Method and Theory**. New York: Academic Press, 1985. pp. 63-111.

Complementar:

GOULD, R. **Living Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
GOULD, R. **Recovering the Past**. Albuquerque: University of New Mexico, 1990.
SCHIFFER, M.B. **Formation Processes of the Archaeological Record**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

Disciplina: Arqueologia e Licenciamento Ambiental	Código	OPTATIVA
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 3.1.0	Carga Horária 60 h
Ementa: Legislação relacionada ao exercício da arqueologia por contrato. Impactos ao patrimônio arqueológico ocasionados por diferentes tipos de empreendimentos. Procedimentos arqueológicos de campo e de laboratório associados às etapas do licenciamento ambiental. Planejamento e manejo do patrimônio natural e cultural. Gerenciamento das informações arqueológicas advindas dos trabalhos de arqueologia por contrato.		
Bibliografia: <u>Básica:</u> BASTOS, Rossano Lopes; SOUZA, Marise Campos de; GALLO, Haroldo (Org.). Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico . São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2005. FARIAS, Talden. Licenciamento Ambiental : aspectos teóricos e práticos. Belo Horizonte: Fórum, 2007. FOGOLARI, Everson Paulo. Gestão em Projetos de Arqueologia . Erechim: Habilis, 2009. LIMA, Tânia Andrade (Org.). Atas do Simpósio A Arqueologia no Meio Empresarial . Goiânia: SAB/IGPA/UCG, 28 a 31 de agosto de 2000. SILVA, Vicente Gomes da. Legislação Ambiental Comentada . 3. ed. Belo Horizonte: Fórum, 2007.		
<u>Complementar:</u> DE BLASIS, P. A. D.; MORALES, W. F. Analisando sistemas de Assentamento em âmbito local: uma experiência com full-coverage survey no Bairro da Serra. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP , São Paulo: USP, v. 5, p. 125-143, 1995. MORAIS, José Luiz de. Reflexões acerca da arqueologia preventiva. In: MORI, Victor Hugo;		

SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo (Org.). **Patrimônio: atualizando o debate**. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2006.

REDMAN, C. Multistage Fieldwork and Analytical Techniques. **American Antiquity**, 38 (1), p. 61-79, 1973.

SOARES, Inês Virgínia Prado. **Proteção Jurídica do Patrimônio Arqueológico no Brasil: fundamentos para a efetividade da tutela em face de obras e atividades impactantes**. Erechim: Habilis, 2007.

Disciplina: Arqueologia em Ambiente Costeiro	Código	OPTATIVA
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 2.2.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Conceitos e características do ambiente costeiro. Formação do registro arqueológico em sítios inseridos no ambiente costeiro. A relação homem-ambiente na elaboração da cultura material existente em sítios arqueológicos de regiões costeiras. Informações arqueológicas acerca das ocupações humanas em ambiente costeiro.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u></p> <p>BAILEY, Geoff; PARKINGTON, John (Eds.). The archaeology of prehistoric coastlines. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.</p> <p>BECK, Anamaria. A variação do conteúdo cultural dos sambaquis do litoral de Santa Catarina. Erechim, RS: Habilis, 2007.</p> <p>HODDER, Ian et. al. (Eds.). Interpreting Archaeology: finding meaning the past. New York: Routledge, 1998.</p> <p>RAINBIRD, Paul. The archaeology of the islands. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.</p> <p>ULM, Sean. Coastal themes: an archaeology of the Southern Curtis Coast, Queensland. Canberra: Anu Press, 2006.</p>		
<p><u>Complementar:</u></p> <p>AB'SABER, A. N. Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades e limites. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.</p> <p>BANDEIRA, Arkley Marques. Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na ilha de São Luís – Maranhão. Dissertação. São Paulo: 2008. Universidade de São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia</p> <p>BORGES, Jóina Freitas. A história negada: em busca de novos caminhos. Teresina: FUNDAPI, 2004.</p> <p>DE BLASIS, Paulo et. al.. Sambaquis e paisagem – Dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. Arqueología Suramerica/Arqueologia Sul-Americana. Universidad del Cauca, Universidad Nacional Del Catamarca, World Archaeology Congress. v. 3, n. 1, enero/janeiro 2007.</p>		

GASPAR, Madu. **Sambaqui**: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GUIMARÃES, Márcia Barbosa da Costa. **Espaço e organização social entre o grupo construtor do sambaqui IBV4, Cabo Frio, RJ**. Dissertação. São Paulo: 2001. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação Interdepartamental em Arqueologia.

MEDEIROS, Iago Henrique Albuquerque de. **Processos de formação do registro arqueológico em dunas eólicas**: os sítios do litoral setentrional do Rio Grande do Norte, Brasil. Dissertação. Aracaju: 2005. Universidade Federal de Sergipe: Centro de Educação e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.

SILVA, Marluce Lopes. **Caracterização dos sítios arqueológicos em dunas do litoral oriental do Rio Grande do Norte**. Dissertação. Recife: 2003. Universidade Federal de Pernambuco: Centro de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em História.

VIANA, Verônica; SOARES, Karla; SOUZA, Luci Danielli A. de. Os antigos habitantes da praia de Jericoacoara – Ceará: arqueologia, história e ambiente. **Revista CLIO, Série Arqueológica** (UFPE). v. 21, 2007.

Disciplina: Estudo dos Artefatos Cerâmicos	Código	OPTATIVA
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 1.3.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Origens da olaria. A produção e consumo entre as populações ceramistas. O estudo da cerâmica no panorama brasileiro: o PRONAPA. Categorias analíticas: tradição, horizonte, fase, estilo. Abordagens teóricas e considerações metodológicas. O gesto técnico e a cadeia operatória como indicador do domínio tecnológico. Reconstituição morfológica. Traços de uso. Os registros cerâmicos como marcadores culturais: interpretação e inferências sociais.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u></p> <p>ALVES, Cláudia. A cerâmica pré-histórica brasileira: novas perspectivas analíticas. Revista CLIO, Série Arqueológica. Recife: UFPE, n.7, 1991.</p> <p>LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. Cerâmica Guarani. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.</p> <p>LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica indígena Brasileira. In: RIBEIRO, Darcy. (ed.). Suma etnológica brasileira. Petrópolis: Vozes, v.2, p. 137-229. 1986. (Edição atualizada do Handbook of south american indians).</p> <p>MANNONI, Tiziano; GIANNICHEDDA, Enrico. Arqueologia: materiais, objetos y producciones. Barcelona: Editorial Ariel, 2008.</p> <p>ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. Pottery in archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. pp. 3-21</p> <p>RICE, P.M. Pottery analysis: a sourcebook. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.</p> <p>SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. O aparecimento da cerâmica como indicador de mudança do padrão de subsistência. Revista de Arqueologia. São Paulo: SAB, p. 33-40, 1991.</p>		

Complementar:

ALBUQUERQUE, Marcos. Reflexões em torno da utilização do antiplástico como elemento classificatório da cerâmica pré-histórica. **Revista CLIO**. Recife: UFPE, n.6, p.109-112, 1984. (Série Arqueológica).

ALVES, M. A. As culturas ceramistas de São Paulo e Minas Gerais: estudo tecnotipológico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: MAE – USP, v.1, 1991.

BAUDRILLAR, Jean. A moral dos objetos. Função-signo e lógica de classe. In: MOLES, Abraham et al. **Semiologia dos objetos**. Petrópolis: Vozes, 1972.

BROCHADO, José Proenza. **Alimentação na floresta tropical**. Porto Alegre: UFRGS, 1977. (Cadernos, 2).

BROCHADO, José Proenza. Expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dédalo**, São Paulo: USP, n. 27, p.65-82, 1998.

Disciplina: Estudo dos Artefatos Líticos	Código	OPTATIVA
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 1.3.0	Carga Horaria 60 h

Ementa:

Os artefatos líticos dos homens fósseis no processo de hominização. Influência do meio e fontes de recursos. Abordagens teóricas e categorias analíticas no estudo dos materiais de pedra. Os artefatos de pedra e a dinâmica na produção e na utilização. Cadeias operatórias e identificação de técnicas. Reflexo do domínio da matéria-prima na organização tecnológica. As principais “tradições” líticas na pré-história geral e brasileira. Inferências econômicas e identidades culturais: interpretação dos níveis tecnológicos.

Bibliografia:

Básica:

BUENO, L; ISNARDIS, A. (Org). **Das pedras aos homens**. Tecnologia lítica na Arqueologia brasileira. São Paulo: Argvmentvm, 2007.

LEROI-GOURHAN, André. **Evolução e técnicas**, 1 – O homem e a matéria. Lisboa: Ed. 70, 1984. _____ . **Evolução e técnicas**. 2 - O meio e as técnicas. Lisboa: Ed. 70, 1984.

MORAIS, J. L. **Tecnologia lítica**. Erechim (RS): Habilis, 2009.

Complementar:

BERNALDO DE QUIRÓS, F.; CABRERA, V.; CACHO, C.; VEGA, L. G. Proyecto de análisis técnico para las industrias líticas. **Trabajos de Prehistoria**, 38: 9-37, 1981.

BOCANEGRA, Francisco Javier Aceituno. La cadena tecnológica: modelo de análisis de los conjuntos líticos. **Boletín de Arqueologia**, vol. 11, 28: 146 –167, 1997.

FAGUNDES, Marcelo. Atributos formais e tecnológicos da indústria lítica do Sítio Topo, Canindé de São Francisco - SE: estudo da organização tecnológica para a compreensão do sistema de assentamento regional de Xingó. **Canindé**. Xingó: MAX, n. 9, p. 89-120, jun., 2007.

FOGAÇA, E. Análise preliminar de algumas indústrias líticas lascadas recuperadas em Xingó. **Cadernos de Arqueologia**. Xingó: UFS, Chesf, Petrobras. 1997 (Documento 3).

MARQUES, Marcélia. Pedra que te quero palavra: discursividade e semiose no (con)texto arqueológico. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2010.

MORAIS, J. L. **Tecnologia lítica**. Erechim (RS): Habilis, 2009.

SEMENOV, S. A. **Tecnologia prehistórica**. 2. ed. Madrid: Akal /Universitaria, 1981.

Disciplina: Arqueologia Pública	Código	OPTATIVA
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horaria 60 h
<p>Ementa: Conceito. Histórico. Aspectos teóricos. Principais questões e abrangências. A quem pertence o passado? Os variados públicos a considerar. O papel da Arqueologia Pública.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> BAHN, P.; RENFREW, C. Archaeology. Theories, Methods and Practice. (14º capítulo, p.463-484) London: Thames and Hudson, 1994. FERNANDES, T. Vamos criar um sentimento? Um olhar sobre a Arqueologia Pública no Brasil. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2008. FUNARI, P. Public Archaeology from a Latin American Perspective. Public Archeology 1,4. P.239-243. American Anthropological Association. 2001. FUNARI, P.; ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. Ética, Capitalismo e Arqueologia Pública no Brasil. História, v.27, n.2, p.13-30, 2008.</p>		
<p><u>Complementar:</u> MERRIMAN, N. (Org.) Public Archeology. London: Routledge, 2004. OLIVEIRA, J. E. Arqueologia Pública, Universidade Pública e Cidadania. Ciudad Virtual de Antropologia y Arqueologia, 2002. Disponível em http://WWW.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/jorgeeremites.htm. Acesso em 20/04/2010.</p>		

Disciplina: Teorias e Métodos em Arqueologia	Código	OPTATIVA
Centro de Ciências da Natureza - CCN	Créditos 4.0.0	Carga Horaria 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Conceitos de método e de técnica. Arqueologia Histórico-Cultural. Funcionalismo e Arqueologia. Arqueologia Processual. Arqueologia Pós-Processual. Neo-evolucionismo e Arqueologia. Arqueologia e Marxismo. Estruturalismo e Arqueologia. Teorias arqueológicas contemporâneas. Interdisciplinaridade e métodos arqueológicos. Metodologias arqueológicas de campo e de laboratório.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u></p> <p>BICHO, Nuno Ferreira. Manual de Arqueologia Pré-Histórica. Lisboa: Edições 70, 2006.</p> <p>DUNNEL, Robert C.. Classificação em Arqueologia. São Paulo: EDUSP, 2006.</p> <p>HODDER, Ian (Ed.). Archaeological Theory Today. Cambridge: Polity Press, 2001.</p> <p>TRIGGER, Bruce. História do Pensamento Arqueológico. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.</p> <p>WHEELER, Mortimer. Arqueología de campo. – 3. reimpr. – Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1995.</p>		
<p><u>Complementar:</u></p> <p>ARAUJO, A. G. M. Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de Caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. Tese de Doutorado. São Paulo: 2001. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação Interdepartamental de Arqueologia.</p> <p>FISH, S. K.; KOWALEWSKI, S. A. (Eds.). The Archaeology of Regions. A Case for Full-Coverage Survey. Washington: Smithsonian Institution Press, 1990.</p> <p>JOUKOWSKY, Martha. A Complete Manual of Field Archaeology: tools and techniques of field work for archaeologists. New York: Prentice-Hall Press, 1986.</p> <p>REIS, José Alberione dos. “Não pensa muito que dói”: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia brasileira. Tese de Doutorado. Campinas: 2004. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Programa de Pós-Graduação em História.</p> <p>RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Arqueología: teoria, métodos y practica. Madrid: Akal Ediciones, 1993.</p> <p>ZARANKIN, Andrés; ACUTO, Félix A. (Eds). Sed non satiata. Teoria social en la Arqueologia Latinoamericana Contemporanea. Buenos Aires: Ediciones del Tridente, 1999.</p>		

Editora Hucitec, 1998.

CARABIAS, Diego. Navegación prehispánica em el Norte de Chile: uma contribución al estudio de las prácticas náuticas em las áreas Andes Centro-Sur y Meridional. **Revista Werkén**, n. 1, octubre. Santiago, 2000, p. 31-53.

ICOMOS. A carta internacional do ICOMOS sobre proteção e gestão do patrimônio cultural subaquático. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 7, 1997, p. 209-213.

MUCKELROY, Keith. **Maritime Archaeology**. (New Studies in Archaeology). Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

NAUTICAL ARCHAEOLOGY SOCIETY. **Archaeology underwater: the NAS guide to principles and practice**. Portsmouth, 1995.

PEREIRA, Edithe; RAMBELLI, Gilson; BAVA DE CAMARGO, Paulo F; **CALIPPO, Flávio Rizzi**; BARBOSA, Carlos A. Palheta. Arqueologia Subaquática na Amazônia – documentação e análise das gravuras rupestres do sítio Mussurá, rio Trombetas, Pará, Brasil. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, v.11 (jan /jun 2009), 2009, p. 109-126.

RAMBELLI, Gilson. **Arqueologia até debaixo d'água**. São Paulo: Maranta, 2002.

RAMBELLI, Gilson. Reflexões sobre o patrimônio cultural subaquático e a Arqueologia. In: **Os caminhos do patrimônio no Brasil**. (Organizadores: Manuel Ferreira Lima Filho e Marcia Bezerra). Goiânia: Alternativa, 2006, p.153-69.

UNESCO. **La Convención de la UNESCO sobre la Protección del Patrimonio Cultural Subacuático**, 2001.

Complementar:

BAVA DE CAMARGO, P. F. **Arqueologia das fortificações oitocentistas da planície costeira Cananéia/Iguape, SP**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BAVA DE CAMARGO, P. F. **Arqueologia de uma cidade portuária: Cananéia, séculos XIX-XX**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CALIPPO, Flávio Rizzi. **Os sambaquis submersos de Cananéia: um estudo de caso de arqueologia subaquática**. 2004, p.135, anexos. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CALIPPO, Flávio Rizzi. **Sociedade sambaqueira, Comunidades Marítimas**. 2010, p. 290. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Etnologia e Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

DURAN, Leandro D. **Arqueologia Marítima de Um Bom Abrigo**. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Etnologia e Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p.338.

RAMBELLI, Gilson. **Arqueologia Subaquática do Baixo Vale do Ribeira**. Tese (Doutorado em Arqueologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo, 2003.

Disciplina: Inglês Instrumental Básico	Código 303600	OPTATIVA
Centro de Ciências Humanas e Letras -CCHL	Créditos 4.0.0	Carga Horaria 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Treinar as estratégias de leitura skimming, scanning etc. Exercitar diferentes níveis de compreensão GENERAL COMPREHENSION, MAIN POINTS COMPREHENSION AND DITAILS.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> SOUZA, M. do S. E. de; SOUZA, C. N. N. de; GONÇALVES, L. R. L. R. et al. Inglês instrumental. Estratégias de Leitura. Teresina: Editora Halley, 2002. HEWINGS, Martin. Advanced grammar in use: a self study reference and practice book for advanced learners of English. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. MURPHY, Raymond. English grammar in use: a self study reference and practice book for intermediate students. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. SOUZA, Adriana Grade Fiori et. al. Leitura em língua inglesa: uma abordagem instrumental. São Paulo: Disal, 2005. SWAN, Michael. Practical english usage. Oxford: Oxford University Press, 2005. Dicionário bilíngüe: Inglês-Português.</p>		
<p><u>Complementar:</u> MUNHOZ, Rosangela. Inglês instrumental: estratégias de leitura. Módulo I. São Paulo: Textonovo, 2000. NUNAN, David. Second language teaching & learning. Massachusetts: Heinle & Heinle Publishers, 1999. Sites de consulta: http://www.onelook.com (dicionário) http://sk.com.br/sk.html http://www.rd.com</p>		

Disciplina: Francês Instrumental Básico	Código 303700	OPTATIVA
Centro de Ciências Humanas e Letras -CCHL	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa:</p> <p>Estudo da língua francesa visando ao desenvolvimento da prática de leitura em diferentes níveis de compreensão: global, seletiva e linear.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u></p>		

CORACINI, M. J. R. R. E por falar em leitura.
 MOIRAND, Sophie. **Situations d'écrit**. Paris: Clé Internationale, 1989.
 AZEVEDO, Domingos de. **Grande dicionário** (Francês-Português). Lisboa: Bertrand Ed., 1998.
 BADY, J. et al. **Exerçons-nous**: grammaire (cours de civilisation de la Sorbonne). 350 exercices niveau débutant. Paris: Hachette, 1990.
 BESCHERELLE, **La conjugaison 1200 verbes**. Paris: Hatier, 1990.
 DELATOUR, Y. et al. **Exerçons-nous**: grammaire (cours de civilisation de la Sorbonne). Paris: Hachette, 1987.
 GREGOIRE, Maia; MERLO, Gracia. **Grammaire progressive du Français**: avec 400 exercices, niveau débutant. Paris: Cle International, 2004.

Complementar:

Textos extraídos de revistas e jornais franceses.
 Bulletin de Français Instrumental – Ed. PUC.
 LE PETIT ROBERT. Dictionnaire de la Langue Française. **Paris**: Dictionnaires Le Robert, 1993.
 MAROTE, d'Olim. **Mini-dicionário (Francês-Português)**. São Paulo: Ática, 1998.

Disciplina: Português I – Prática de Redação	Código 303001	OPTATIVA
Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHL	Créditos 4.0.0	Carga Horária 60 h
<p>Ementa: Leitura e compreensão de textos. Processo de criação do texto escrito. Descrição. Narração. Dissertação.</p>		
<p>Bibliografia:</p> <p><u>Básica:</u> FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. Prática de textos: língua portuguesa para nossos estudantes. Vozes: Petrópolis, 1992. FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. Brasiliense: São Paulo, 1994. GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 1980. INFANTE, Ulisses. Do texto ao texto. Scipione: São Paulo, 1991. MARTINS, Dileta Silveira e ZILBERNOP, Lúbia Selier. Português instrumental. Prodil: Porto Alegre, 1979.</p>		
<p><u>Complementar:</u> FARACO, Carlos Alberto e MANDARIK, David. Prática de redação para estudantes universitários. Vozes: Petrópolis, 1987. MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. Brasiliense: São Paulo, 1994. SILVA, Ezequiel Teodoro da. O ato de ler. Cortez: São Paulo, 1984.</p>		

PROCESSO DE AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

As avaliações deverão verificar quais os conteúdos, competências e habilidades foram adquiridos/desenvolvidos pelos alunos ao longo do processo de formação. O aluno será avaliado no decorrer de cada disciplina, em conformidade com a Resolução n.º 043/95 do CEPEX/UFPI (UFPI, 1995), que regulamenta a verificação do rendimento escolar.

Embora exista um sistema único de avaliação para a IES, em termos de períodos e notas, a avaliação dos alunos de arqueologia se dá de forma contínua, não se limitando a instrumentos como provas e exames, mas incentivando e valorizando a realização de trabalhos teóricos e/ou práticos, seminários, provas práticas, discussão de casos, entrevistas, relatórios, etc. e a participação nas atividades propostas.

Todas as disciplinas avaliarão continuamente o desempenho do aluno. Mas, especialmente no estágio supervisionado se verificará a postura profissional, o relacionamento interpessoal, o trabalho em equipe, a participação, a organização, a responsabilidade entre outros valores.

Sendo o curso de Arqueologia regido pelo sistema acadêmico de blocos, a promoção do aluno para o bloco subsequente far-se-á mediante a aprovação em todas as disciplinas do bloco ou com a dependência de até 02 (duas) disciplinas. Os alunos que tiverem três ou mais reprovações ficarão retidos no bloco no qual possuem o maior número de pendências e, só serão promovidos após terem sido aprovados nas disciplinas em que foram reprovados.

O curso de graduação em Arqueologia utilizará metodologias e critérios para o acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem em consonância com o sistema de avaliação definida pela UFPI, mantendo a comunidade universitária informada sobre os resultados obtidos. Tal prática constituir-se-á em poderoso instrumental dialético de identificação de novos rumos para prática de condutas acadêmicas e formação profissional.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO CURSO

A avaliação do curso será realizada através da participação dos alunos, docentes e técnicos administrativos através da Comissão Permanente de Avaliação.

A avaliação se constituirá em um trabalho rotineiro de análise crítica de todo o processo de desenvolvimento do curso. Nessa perspectiva, a avaliação é concebida como um processo contínuo, participativo e parte integrante do processo educativo. O processo avaliativo do currículo envolverá a descrição e a crítica da realidade e criação coletiva.

Durante a execução do currículo ocorrerá ao final de cada semestre a avaliação em processo, realizada através da aplicação de questionários específicos com professores e alunos, os quais serão analisados e discutidos em reuniões pedagógicas.

Após a conclusão da 1ª turma pretende-se implantar um sistema de acompanhamento do egresso, através da aplicação de questionários via meio eletrônico, com o objetivo de verificar a inserção do profissional no mercado de trabalho. Em tal avaliação, serão considerados os aspectos relacionados aos objetivos e perfil do profissional em arqueologia que o curso deseja formar.

Caberá ao Colegiado do curso de Arqueologia planejar, organizar e coordenar ações para a implantação, desenvolvimento e avaliação desse currículo, assim como, sistematizar resultados e propor novos encaminhamentos.

AUTO-AVALIAÇÃO

O processo de auto-avaliação institucional é efetivado pela Comissão Própria de Avaliação (CPA), a qual posta, anualmente, relatórios de auto-avaliação no sistema E-MEC, que contemplam as dez dimensões do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES.

A metodologia da auto-avaliação da UFPI baseia-se nos princípios de: adesão voluntária, avaliação total e coletiva, unidade de linguagem e competência técnico-metodológica, sendo realizada pela CPA com o apoio da Diretoria de Informação e Avaliação Institucional (DIAI), obedecendo às normas propostas pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior - CONAES.

No âmbito do curso, são utilizadas metodologias e critérios para o acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem, em consonância com o sistema de avaliação e a dinâmica curricular definida Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da UFPI e aprovada pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CEPEX) e embasados nos referenciais de qualidade para os cursos de graduação.

A abordagem pedagógica do curso pressupõe o aluno como construtor de seu conhecimento e da sua história, buscando a necessária relação entre a teoria e a prática. Desde o início do curso, os discentes têm oportunidade de vivenciar práticas pedagógicas que os estimulam a: ler e interpretar textos, analisar e criticar informações, extrair conclusões por indução e/ou dedução, estabelecer relações, comparações e contrastes em diferentes situações, detectar contradições, fazer escolhas valorativas avaliando conseqüências, questionar a realidade e argumentar coerentemente, de forma a proporcionar-lhes competências e habilidades para propor ações de intervenção e de soluções para situações-problema, elaborar perspectivas integradoras e sínteses e, também, administrar conflitos dentro da temática pertinente ao Curso.

COORDENAÇÃO DO CURSO

O Curso de Arqueologia terá um chefe e um sub-chefe, que acumularão também as funções de coordenação, com regime de trabalho de dedicação exclusiva, destinando 20 horas para a administração e a condução do curso. Exige-se como requisito profissional do coordenador e sub-coordenador pós-graduação *stricto sensu* em Arqueologia. O coordenador terá como atribuições: o planejamento pedagógico, organização, direção e supervisão do curso, identificação dos problemas relacionados à dinâmica das disciplinas, propondo soluções compatíveis com as necessidades e prioridades para o desenvolvimento da matriz curricular, capacidade para otimizar o uso de recursos didático-pedagógicos disponíveis, valorizar o perfil de aptidões dos docentes no aproveitamento dos mesmos nas diversas disciplinas, manter o vínculo discente-coordenação retroalimentado, capacidade para lidar com a diversidade de comportamentos e idéias dos discentes de modo a aproveitar o seu potencial e desenvolver empatia com os mesmos, impondo-lhes disciplina com flexibilidade.

O Curso de Arqueologia está estruturado em disciplinas de formação básica, de formação profissional, optativas e estágios, distribuídas em três áreas: Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Ciências Tecnológicas, as quais trarão, na condução metodológica, a fundamentação para organização do processo ensino-aprendizagem, baseado na integração teoria-prática.

Todas as disciplinas têm igual importância no desenvolvimento do curso, propondo atividades teóricas e práticas relativas à sua área, mas mantendo com as demais uma articulação necessária à formação global do aluno. Busca-se uma abordagem interdisciplinar, em que as diferentes disciplinas se relacionam e se interpenetram, ainda que mantenham suas especificidades.

A coordenação do curso, procurando operacionalizar de maneira mais efetiva a interdisciplinaridade, utiliza-se de trabalhos em equipe e da gestão participativa, superando as deficiências do currículo multidisciplinar, onde as trocas são apenas tangenciais.

A gestão participativa consiste entre outros, em reunir os professores de conteúdos afins, para planejarem em conjunto seu programa, a partir de um eixo comum, teórico ou metodológico.

ORIENTAÇÃO ACADÊMICA

O aluno, ao matricular-se na Instituição, recebe um número de matrícula sequencial que será utilizado durante sua vida acadêmica, inclusive quando caracterizar-se como egresso.

Para assuntos acadêmicos (acompanhamento de notas, frequências, matrículas, etc.), os alunos podem ser atendidos pessoalmente na Coordenação do Curso e na Diretoria de Administração Acadêmica. Além do atendimento pessoal, os alunos podem consultar e acompanhar sua vida acadêmica por via eletrônica, através do sítio www.ufpi.br. O atendimento à comunidade acadêmica busca corresponder às necessidades dos diversos segmentos universitários.

As notas são computadas semestralmente, e as frequências conforme o encerramento da planilha de registro e atividades acadêmicas. Mediante estatísticas semestrais, disponíveis *on-line*, é possível acompanhar a situação acadêmica dos alunos como matrícula, rendimento escolar, trancamento, transferência, evasão, etc.

ESTRUTURA PARA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

Recursos humanos: docentes

Os professores que ministram a maioria das disciplinas do Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre estão lotados no CCN/UFPI e pertencem ao próprio curso, em regime de Dedicção Exclusiva. O nome e a titulação seguem na tabela a seguir:

Nome do professor	Titulação	Regime de Trabalho
ABRAHÃO SANDERSON NUNES FERNANDES DA SILVA CPF 027.768.074-30	Doutorando	Dedicação Exclusiva
ANA CLELIA BARRADAS CORREIA CPF 226.682.963-68	Doutor	Dedicação Exclusiva
ANDREA LOURDES MONTEIRO SCABELLO CPF 115.773.978-42	Doutor	Dedicação Exclusiva
ELAINE IGNÁCIO CPF	Mestre	Dedicação Exclusiva
FABRICIA DE OLIVEIRA SANTOS CPF	Doutorando	Dedicação Exclusiva
FLÁVIO RIZZO CALIPPO CPF	Doutor	Dedicação Exclusiva
JACIONIRA COELHO SILVA CPF 182.579.843-53	Pós-Doutor	Dedicação Exclusiva

Nome do professor	Titulação	Regime de Trabalho
JOINA FREITAS BORGES CPF 441.948.543-49	Doutor	Dedicação Exclusiva
JUAN CARLOS CISNEROS MARTINEZ CPF 691.889.631-87	Pós-Doutor	Dedicação Exclusiva
LUIS CARLOS DUARTE CAVALCANTE CPF	Doutorando	Dedicação Exclusiva
MARIA CONCEIÇÃO SOARES MENESES LAGE CPF 228.997.313-00	Doutor	Dedicação Exclusiva
SONIA MARIA CAMPELO CPF 130.532.213-49	Doutor	Dedicação Exclusiva

Recursos humanos: técnicos

O Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre possui um servidor Técnico Administrativo, nível médio, lotado no CCN/UFPI. O nome e função seguem na tabela abaixo:

NOME	FUNÇÃO
ELVINA MARIA DE SOUSA BARBOSA CPF 306.425.073-68	Assistente em Administração

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ALENCAR, Francisco et al. **História da sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1985.

ALENCASTRE, José Martins Pereira da. **Memória cronológica, histórica e geográfica da província do Piauí**. Rio de Janeiro: Revista do IHGB, v. XX.

ÁVILA, Gabriela Martin. **Pré-história do nordeste do Brasil**. 3. ed. Recife: Editora da UFPE, 1999.

BAHN, P. et. Al. **Dating and the earliest Known Rock**. [s.l.]: Oxbow Books, 1999.

BASTOS, Rossano Lopes; TEIXEIRA, Adriana. **Normas e gerenciamento do patrimônio arqueológico**. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2005.

BAPTISTA, João Gabriel. **Etnohistória indígena piauiense**. Teresina: EDUFFPI, 1994.

BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de arqueologia pré-histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BROTHWELL, D.; HIGGS, E. **Science in archaeology: a survey of progress and research**. London: Thames & Hudson, 1969.

BRUNET, Jacques; VIDAL, Pierre; VOUVÉ, Jean. **Conservation de l'art rupestre**. Paris: UNESCO, 1986. (Etudes Et Documents Sur Le Patrimoine Culturele, n. 7)

BRUNET, J.; VIDAL, P. Les oeuvres rupestres préhistoriques: etude de problèmes de conservation. **Studies In conservation**, Paris, n. 25, p. 97-107, 1980.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema**, São Paulo. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. (Cadernos de Sociomuseologia, nº 17).

CLOTTE, J. La grotte de Niaux. **Revue des monuments historiques**, nº118, pag. 65-74, 1981.

DA MATTA, R. **Relativizando uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DUNNEL, Robert C.. **Classificação em arqueologia**. São Paulo: EDUSP, 2006.

FUNARI, P. P. *Cultura Material e Arqueologia Histórica* – Campinas, SP : UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998. GUIDON, N. **Reflexões sobre o povoamento da América**. Dédalo, MAE-USP, 1984.

HODDER, Ian (Ed.). **Archaeological theory today**. Cambridge: Polity Press, 2001.

LAGE, M. C. S. M. **Conservação de arte rupestre**. Teresina: Alínea, 1996.

OOSTERBEEK, L. **Arqueologia, patrimônio e gestão do território**. Erechim, RS: Habilis, 2007.

TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

WHEELER, Mortimer. **Arqueología de campo**. – 3. reimpr. – Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1995.

ANEXO 1
REGULAMENTO PARA EXECUÇÃO DO TRABALHO MONOGRÁFICO DE
CONCLUSÃO DE CURSO

CAPÍTULO I
DA NATUREZA

Art. 1º – A **Monografia**, ou Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), é parte integrante da estrutura curricular obrigatória do Bacharelado em Arqueologia em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre, e funcionará sob a forma de duas disciplinas, Monografia I e Monografia II, com carga horária de 60 horas, cada.

Parágrafo único – A disciplina Monografia I compreenderá a elaboração do projeto de pesquisa e deverá ser cursada no 5º Bloco enquanto a Monografia II refere-se à execução do projeto e redação da monografia e deverá ser cursada no 8º Bloco.

CAPÍTULO II
DAS FINALIDADES E OBJETIVOS

Art. 2º – A Monografia é uma atividade acadêmica obrigatória, que visa complementar o ensino teórico-prático, com o objetivo de desenvolver o espírito criativo, científico e crítico do aluno de graduação, capacitando-o na abordagem de problemas e proposição de soluções, sob a orientação de um professor-orientador.

Art. 3º – A área de conhecimento da monografia será de livre escolha do estudante, em consonância com as linhas de pesquisa do professor-orientador vinculado ao curso de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre.

CAPÍTULO III
DAS ATRIBUIÇÕES E DIREITOS

Art. 4º – São atribuições do professor-orientador da monografia:

- Orientar a elaboração do projeto de pesquisa (Monografia I) e as atividades inerentes ao seu desenvolvimento;
- Acompanhar a execução das atividades relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa (Monografia II);
- Orientar a redação da monografia;
- Encaminhar à Coordenação do Curso o projeto de pesquisa (Monografia I), em arquivo eletrônico, formato pdf, para a formação de um banco de dados;
- Autorizar o aluno a submeter a monografia à avaliação da banca;
- Designar, caso o trabalho assim exigir, um co-orientador, que poderá ser um docente da UFPI ou de outra instituição.

Art. 5º – São atribuições do Orientando:

- Elaborar o projeto da Monografia I sob a orientação do professor-orientador;
- Executar as atividades relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa (Monografia II);
- Defender a monografia realizada como produto da Monografia II;
- Expor à Coordenação do Curso, em tempo hábil, problemas que dificultem ou impeçam a realização do projeto de pesquisa visando encontrar soluções.

Art. 6º – São direitos do Orientando:

- Receber orientação do professor-orientador no período de realização da monografia;
- Dispor de elementos básicos necessários à execução das atividades previstas no projeto de pesquisa, dentro das possibilidades científicas, técnicas e financeiras da UFPI.

CAPÍTULO V

DA AVALIAÇÃO

Art. 7º – A avaliação da monografia será feita por disciplina (Monografia I e Monografia II) observando o estabelecido nos artigos 5º e 14ª da Resolução Nº 043/95 CEPEX.

§ 1º O estudante matriculado na disciplina Monografia I será avaliado pelo projeto de pesquisa elaborado.

§ 2º O estudante matriculado na disciplina Monografia II será avaliado com base no trabalho de monografia, apresentado oralmente a uma banca examinadora.

CAPÍTULO VI

DA APRESENTAÇÃO E JULGAMENTO DA MONOGRAFIA

Art. 8º – A Monografia deverá ser depositada em três vias de igual teor, junto com a lista dos membros que irão compor a banca examinadora – com visto do orientador –, na Coordenação do Curso de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestres, no prazo mínimo de 30 (trinta) dias antes da data prevista para defesa.

Art. 9º – A Banca Examinadora para avaliação da Monografia será aprovada em reunião do Colegiado de Curso, sendo constituída de no mínimo 03 (três) membros, sob a presidência do professor-orientador.

§ 1º Poderão também participar da Banca Examinadora profissionais da área não vinculados à UFPI e envolvidos no projeto, desde que não supere 1/3 (um terço) do número que compõe a banca.

§ 2º Na ausência de algum dos membros titulares, a Coordenação de Curso, fundamentada na lista encaminhada para o depósito da monografia, deve indicar um professor para atuar como suplente na Banca Examinadora.

Art. 10º – O horário e o local da Defesa da Monografia serão amplamente divulgados, devendo a defesa ocorrer em sessão aberta ao público.

Art. 11º – São atribuições do Presidente da Banca:

- Zelar pelo cumprimento dos horários;
- Distribuir os instrumentos de avaliação com os demais membros da banca;
- Conduzir as atividades, fazendo com que cada membro participe, bem como suscitar o exame acurado dos aspectos que lhe parecem pertinentes e úteis à avaliação do aluno;
- Atuar como moderador e/ou dinamizador dos debates;
- Recolher os instrumentos de avaliação devidamente preenchidos e rubricados pelos membros;
- Encerrar os trabalhos da banca;
- Elaborar uma ata que deverá ser assinada por todos os membros da banca;
- Encaminhar a Coordenação do Curso a Ata juntamente com todos os instrumentos de avaliação.

Art. 12º – A Banca Examinadora deve observar os seguintes critérios de avaliação da Monografia:

- Clareza e objetividade do texto;
- Domínio do assunto;
- Pertinência e eficácia dos métodos empregados;
- Qualidade das evidências apresentadas;
- Lógica e relevância das conclusões obtidas;
- Abrangência e relevância da bibliografia consultada.

Parágrafo único – A Banca Examinadora pode acrescentar outros critérios além dos especificados neste Artigo, de acordo com o assunto e tipo de trabalho em julgamento.

Art. 13º – O aluno será considerado aprovado pela Banca Examinadora, quando obtiver média igual ou superior a 7,0 (sete) pontos, isto, conforme o artigo 13º da Resolução 043/95 do CEPEX/UFPI.

Art. 14º – Após a sessão de avaliação e tendo a Monografia sido aprovada, o estudante deve proceder às correções recomendadas pela Banca Examinadora e entregar à Coordenação a versão definitiva, em formato digital, no prazo de 30 (trinta) dias, para formação de banco de dados.

CAPÍTULO VII

DA ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

Art. 14º – A estrutura e apresentação da monografia deverá seguir os padrões acadêmicos da área e estar conforme previsto nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) em vigor.

Art. 15º – A monografia poderá ser acompanhada de informações suplementares em formato eletrônico, tais como vídeos, programas, planilhas, mapas, bases de dados, e outros arquivos que complementem o trabalho realizado ou que forem relevantes para a devida avaliação do mesmo.

Parágrafo único – Estes arquivos deverão ser armazenados em um meio durável, como o DVD, e anexados ao texto, devendo estar listados no sumário.

CAPÍTULO VIII

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 16º – Os casos omissos serão resolvidos pela Coordenação do Curso de Bacharelado em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre, seguindo deliberação do

Colegiado do Curso, observadas as normas e regulamentos da UFPI e as disposições legais vigentes.

Art. 17º – Este Regulamento entrará em vigência no período letivo seguinte ao de sua aprovação.

Teresina, 07 de abril de 2011.

ANEXO 2

QUADRO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Quadro 1: ATIVIDADES DE ENSINO E DE PESQUISA: ATÉ 60 (SESSENTA) HORAS PARA CADA ATIVIDADE			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
1 Ensino	Monitoria no curso por período letivo/ Participação em projetos institucionais, PIBID, PET.	30	60
4. Iniciação científica	Um semestre de atividades de iniciação científica com dedicação semestral de 10 a 20 h semanais e com apresentação de resultados parciais e/ou finais em forma de relatório ou de trabalho apresentado em evento científico.	30	60
5. Iniciação científica voluntária	Um semestre de atividades de iniciação científica com dedicação semestral de 10 a 20 h semanais e com apresentação de resultados parciais e/ou finais em forma de relatório ou de trabalho apresentado em evento científico.	30	60
TOTAL			120
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

Quadro 2: ATIVIDADES DE PARTICIPAÇÃO E/OU ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS: ATÉ 60 (SESSENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima

Participação em trabalhos em eventos técnico-científicos e eventos nacionais/internacionais	Apresentação de trabalhos em congressos, seminários, conferências, simpósios, palestras, fórum, semanas acadêmicas (participação e organização). Participação em eventos nacionais diretamente relacionados às atividades acadêmicas e profissionais da área com apresentação de trabalho e publicação nos anais do evento.	30	60
TOTAL			60
Certificação: Declaração ou Certificado de participação (com cópia do trabalho apresentado) ou de organização do evento ou declaração do órgão/unidade competente.			

Quadro 3: EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E/OU COMPLEMENTARES: ATÉ 120 (CENTO E VINTE) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
Experiências profissionais.	Realização de estágios não obrigatórios cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão. Realização de Estágios em empresa Júnior/incubadora de Empresas.	30	60
Participação em Projetos	Participação em Projetos Sociais governamentais e não governamentais	30	60
Bolsistas PRAEC	Participação como bolsista da PRAEC	15	30
TOTAL			120
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

Quadro 4: ATIVIDADES DE EXTENSÃO: ATÉ 90 (NOVENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
Projeto de extensão	Um semestre de participação em projeto de extensão vinculado a PREX, com dedicação semanal de 12 a 20h.	15	60

Atividades de extensão	Cursos e minicursos, cursos e oficinas registradas no âmbito da PREX; Cursos à distância; Estudos realizados em programa de extensão.	10	30
TOTAL			90
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

Quadro 5: TRABALHOS PUBLICADOS: ATÉ 90 (NOVENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
Publicações em anais de eventos nacionais.	Publicação em anais de congressos e similares, comprovados com documentação pertinente (declaração, cópia dos anais).	15	30
Publicações em anais de eventos locais e/ ou regionais.	Publicação em anais de congressos e similares, comprovados com documentação pertinente (declaração, cópia dos anais).	10	20
Publicações em periódicos nacionais.	Publicações em periódicos especializados comprovados com apresentação de documento pertinente (declaração, cópia dos periódicos).	20	20
Publicações de trabalhos integrais em anais de eventos nacionais, internacionais, regionais e locais.	Publicação em anais de congressos e similares, comprovados com documentação pertinente (declaração, cópia dos anais, etc).	20	20
]TOTAL			90
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

Quadro 6: VIVÊNCIAS DE GESTÃO: ATÉ 40 (QUARENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
Representação estudantil.	Participação anual como membro de entidade de representação político – estudantil. Participação anual como membro de diretoria de entidade de representação político – estudantil	05	10
Participação em órgão colegiado classista como membro da diretoria, na condição de estudante.	Mandato mínimo de seis meses, devidamente comprovado, com apresentação de relatório, descrevendo a sua experiência na gestão.	05	10
Participação em órgão profissional (entidades de classe ligadas ao magistério) como membro da diretoria	Mandato mínimo de seis meses, devidamente comprovado, com apresentação de relatório, descrevendo a sua experiência na gestão.	05	10
Representação estudantil	Participação como representante estudantil no Colegiado do Curso, nas Plenárias Departamentais, Conselhos de Centro, Centro Acadêmico ou nos Colegiados Superiores com apresentação de documento comprobatório de participação na reunião.	05	10
TOTAL			40
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

Quadro 7: ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS, ESPORTIVAS E PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS: ATÉ 90 (NOVENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
1 Atividades Artístico-culturais e esportivas e produções técnico-científicas.	Participação em grupos de artes, tais como, teatro, dança, coral, poesia, música e produção e elaboração de vídeos, softwares, exposições e	05	30

	programas radiofônicos.		
2.Premiação em trabalho científico na área	Premiação em âmbito local/regional/nacional/internacional.	20	60
TOTAL			90
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

Quadro 8: DISCIPLINA ELETIVA OFERTADA POR OUTRO CURSO DESTA IES OU POR OUTRAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: ATÉ 60 (SESSENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
Disciplina Eletiva	Ofertada por outro curso desta IES ou por outras Instituições de Educação Superior.	12	60
TOTAL			60
Certificação: Histórico Escolar.			

Quadro 9: ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO: ATÉ 90 (NOVENTA) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
Estágios não obrigatórios	Programas de integração empresa-escola ou de trabalhos voluntários, com dedicação semanal de 5 a 10 horas para o aluno e com apresentação de relatórios.	30	90
TOTAL			90
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

Quadro 10: VISITAS TÉCNICAS: ATÉ 10 (DEZ) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
Visitas técnicas	Visitas técnicas na área do curso que	02	10

	resultem em relatório circunstanciado, validado e aprovada por um prof. responsável, consultado previamente.		
TOTAL			10
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração ou certificado do órgão/unidade competente.			

**Comissão de Revisão do Projeto Político Pedagógico do curso de Bacharelado em
Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre**